REVISTA PORTUGUESA DE ARTE E TURISMO

PANORAMA

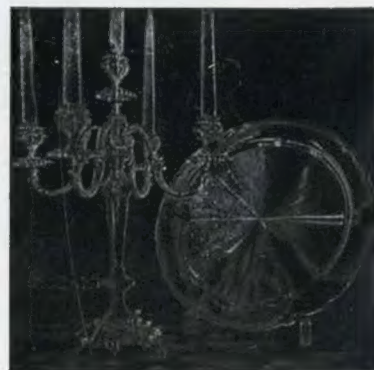
números 36 e 37 ★ ano de 1948

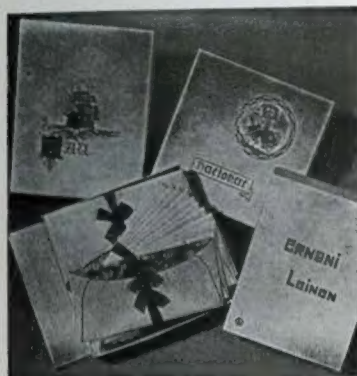
Aqui se aconselha...

SE vai adquirir um lustre em cristal da Boémia, vidro Murano, bronze ou ferro forjado, não se decida por qualquer, sem ver primeiro os que se vendem nos estabelecimentos de JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª, LDA., na Rua do Ouro, 166 a 170, e na Rua da Vitória, 82 a 88, em Lisboa. Esta casa procede, ainda, a instalações frigoríficas, eléctricas e de iluminação, aquecimento, sanitárias, ventilação e refrigeração, etc.

MAIS LUZ E MENOR CONSUMO é o que os consumidores de energia eléctrica pretendem obter e sem saber como. Mas, nada mais fácil! Resume-se afinal a plena satisfação dêsse desejo no uso das lâmpadas TUNGSRAM KRYPTON. Esta lâmpada deve, sem dúvida, ser preferida, não só pela sua extraordinária economia de consumo, mas, também, porque dá uma luz intensa e brilhante.

OUVIR perfeitamente no teatro, na igreja, nas conferências ou em qualquer ocasião é o que permite a todos os surdos o novo aparelho americano de audição TELEX com amplificação ELETRÓNICA. Agente exclusivo para Portugal e Espanha A. MENDES OSÓRIO, técnico em Prótese Auditiva, Av. Almirante Reis, 229, 4.º, esq., Lisboa — Telefone 73331.

É sempre preocupação a escôlha de um brinde valioso que se deseja oferecer. Aqui o aconselhamos a que visite a OURIVESARIA CORREIA, na Rua do Ouro, 245-247, em Lisboa, onde pode escolher entre a enorme variedade de filigranas, pratas e jóias de fino gôsto, o brinde com que deseja presentear a pessoa da sua amizade. Variedade, qualidade, economia... — Veja primeiro as montras e entre. Verá que logo encontra o que deseja, a preços acessíveis.

que leia, veja e compre

A CASA VIEIRA CAMPOS (antiga Casa Figueiredo), da R. da Prata, 215, não é especializada só em material ligeiro para Campismo. Também já firmou o seu nome na construção de material de acampamentos, fornecendo importantes empresas coloniais e as principais Missões Científicas às Colónias. Tudo para campismo e acampamentos de longa duração, encontra-se em boas condições de preço e qualidade na Casa Vieira Campos, de Lisboa.

NO PAPEL DE CARTA que se utiliza na correspondência, pode-se avaliar muitas vezes o bom gôsto e a distinção de quem escreve. Para não perder tempo a escolher aquêle de que deve servir-se, aqui aconselhamos a preferir o das marcas NAU, NACIONAL e ERNANI, qualquer dêles de óptima qualidade e excelente apresentação. São marcas registadas de MÉCO, LDA., L. Rafael Bordalo Pinheiro, 20 a 25, em Lisboa e R. das Flores, 14-1.º, no Pôrto.

O ENXUGADOR «TANK», que já provou indiscutivelmente a sua utilidade e facilidade de uso — demonstra-o a enorme venda que tem — é o mais moderno tipo de mata-borrão para secretária. Assim, aqui se aconselha a quem ainda não se serve do ENXUGADOR «TANK» que não deixe de experimentá-lo. E então nunca mais deixará de ter um TANK na sua mesa de trabalho.

HELVETIA — VELOX — GRETA, são os nomes de três marcas de lâminas suíças para barbear. A magnífica qualidade do aço empregado no seu fabrico dá bastante duração a estas lâminas. Vendem-se de diferentes modelos para os diversos tipos de máquinas. Pedidos a Azevedo & Pessi, Lda., Rua Nova do Almada, 46, Lisboa, Telef. P. A. B. X. 2 9879.

Secção de Motores e Mecânica Geral

SOREL

L I M I T A D A

CONCESSIONÁRIOS DA

GENERAL MOTORS

CADILLAC

CHEVROLET

OLDSMOBILE

Secção de Pinturas

OFICINAS — ESTAÇÃO DE SERVIÇO PARA AUTOMÓVEIS E CAMIÕES

•

RECTIFICAÇÃO DE CAMBOTAS, CILÍNDROS (2,2 A 5,5 POLEGADAS). MECÂNICA GERAL ELECTRICIDADE E PINTURA COM INFRA-VERMELHOS

Secção de Lubrificações

•

VENDA DE PEÇAS LEGÍTIMAS

CHEVROLET · OLDSMOBILE · CADILLAC

RUA VASCO DA GAMA · LISBOA · TELEFONE 6 2755

•

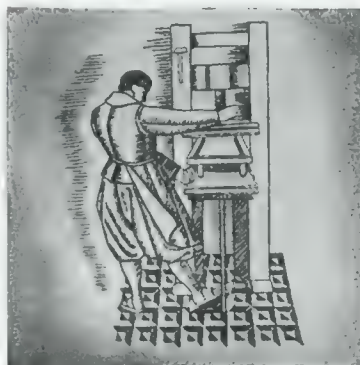
EXPOSIÇÃO E VENDAS

AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 23-E, 23-F · LISBOA

Secção de Peças Legítimas

SINTRA

TURISMO SEM PREOCUPAÇÕES
PRODUTOS E SERVIÇO SHELL

Aqui se aconselha...

A excelência dos trabalhos gráficos depende sobretudo de: Estilo e estado do material tipográfico; Qualidade e apropriação de papéis; Conhecimento profundo e prático dos serviços de composição e impressão; gôsto e criteriosa conjugação dos vários elementos utilizados pela oficina nos trabalhos que executa. De tudo isto dispõe a OFICINA GRÁFICA, LIMITADA, R. Oliveira, ao Carmo, 8 — Telef. 22 886 — Lisboa.

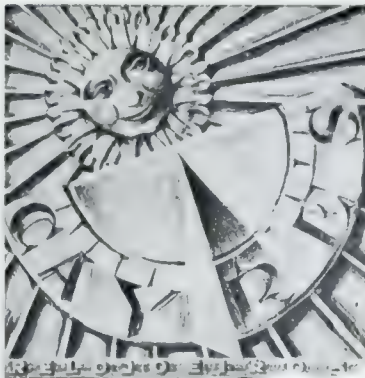
ESTA fotografia é de um bonito azulejo decorativo, da acreditada FÁBRICA DE CERÂMICA VIUVA LAMEGO, LDA., no largo do Intendente, 14 a 25, em Lisboa. Nesta fábrica, que foi fornecedora das Exposições Internacionais de Paris e de Nova York, executa-se enorme variedade de azulejos de padrão artístico (género antigo), louça regional, faianças artísticas, vasos de louça para decoração e ainda louça de barro vermelho, manilhas e outros acessórios.

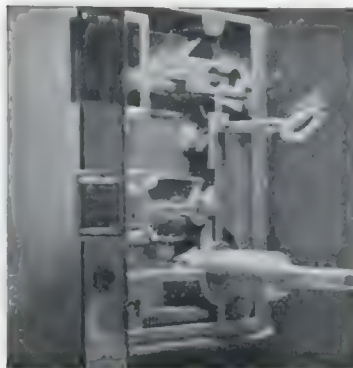
ESTÁ tratando da decoração da sua casa? Ou talvez tenha necessidade de escolher um brinde de «bom gosto», para oferecer a alguém de amizade. Aqui o aconselhamos que procure ver a grande variedade de excelentes FERROS ARTÍSTICOS — candeeiros, mesas, candelabros, cinzeiros, grades para interiores, etc. — fabricados e em exposição na SERRALHARIA ARTÍSTICA de Vicente Joaquim Esteves, na R. das Amoreiras, 88, em Lisboa.

JUVÉNIA, o melhor restaurador da juventude dos cabelos, é um magnífico preparado cujo uso lhes restitui a primitiva côr, quando já grisalhos ou brancos. É, assim, JUVÉNIA um produto de grande valor e utilidade, que também evita a caspa e a queda do cabelo, ao qual conserva tôda a sua vitalidade. O uso de JUVÉNIA não tem o menor perigo. Não mancha a pele, não suja o cabelo e não acarreta as complicações do emprêgo de tinturas mal preparadas.

que leia, veja e compre

INSTANTA — é a moderna casa de artigos fotográficos na Rua Nova do Almada, 55-57 em Lisboa. Nos seus excelentes e bem apetrechados laboratórios executam-se com a possível brevidade e o máximo cuidado e perfeição todos os trabalhos de fotografia — como: revelagens, cópias, ampliações, etc. — sob os cuidados técnicos de pessoal especializado.

RELOJOARIA CAYRES é o moderno estabelecimento na RUA DO OURO, 133, onde o público de Lisboa encontra as mais categorizadas marcas de relógios. Mas há mais: Cayres oferece ainda uma oficina que é um verdadeiro laboratório técnico, apetrechado com aparelhagem e ferramentas hoje indispensáveis ao consêrto, afinação e controle da relojoaria de alta precisão, cuja montagem foi superiormente dirigida por um especialista.

QUINTÃO, não é só a casa especialisada em tapetes das melhores marcas nacionais, como são os de BEIRIZ e de ARRAIOLOS. Também ali encontramos MÓVEIS DE ARTE, lindas peças em COBRE para decoração de interiores e as características MANTAS ALENTEJANAS que têm feito um verdadeiro sucesso. QUINTÃO, 32, Rua Ivens.

TOME nota desta firma e do seu enderêço: GUEDES SILVA & GUEDES, LIMITADA — 32, Rua Eugénio dos Santos, 34, em Lisboa, telef.: 2 3746. Aqui, nesta casa da especialidade, encontram os interessados não só imensa variedade de FERRAGENS para a construção civil, em todos os estilos, como ainda enorme sortido de FERRAMENTAS. Guedes Silva & Guedes, Lda., aceitam também encomendas para CROMAGEM em todos os metais.

VIAJE DE BANDEIRANTE

SERVIÇO DIRECTO A BUENOS AIRES

(Via DAKAR-RECIFE-RIO)

EM AVIÕES «CONSTELLATION»

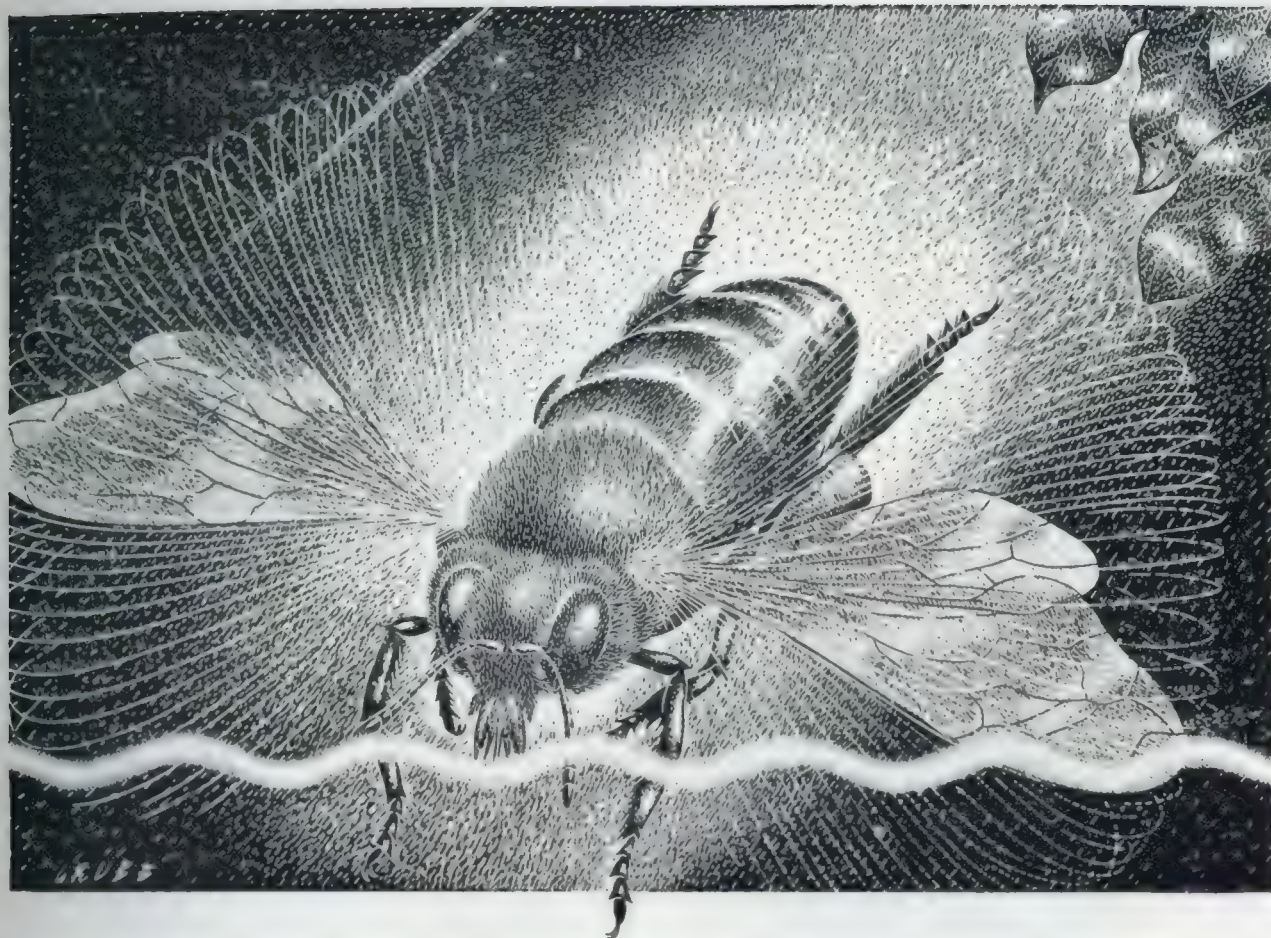
4 vezes por semana

PÕE O MUNDO AO SEU ALCANCE

LISBOA · PARIS · LONDRES · ROMA · ISTAMBUL · MADRID · FRANCFORT

RIO DE JANEIRO · RECIFE · BUENOS AIRES · DAKAR

PANAIR DO BRASIL

EMBARQUE SUAS ENCOMENDAS NOS BANDEIRANTES

UMA ABELHA ZUMBIU A [illegible] SEN[illegible]T

À medida que a velocidade e a importância da maquinaria aumentam torna-se cada vez mais importante para a indústria que os ruídos e perturbações de toda a espécie sejam reduzidos. Os ruídos e a vibração efectam a eficiência dos operários a um elevadíssimo grau.

O oscilógrafo de raios catódicos é agora usado com grandes resultados para resolver tais problemas. Ruídos e vibrações, mesmo que sejam como o zumbido duma abelha ou tão incómodos como incessante rumor duma moderna máquina impressora, são localizados e analizados pelo oscilógrafo.

Os Laboratórios de Investigações Philips trouxeram uma grande contribuição para o desenvolvimento dos oscilógrafos de raios catódicos. Com efeito, muitos dos maiores passos dados pela técnica industrial emanaram destes grandes Laboratórios.

AJUDA A CONSTRUIR O MUNDO DE AMANHÃ

ELECTRONICA • LÂMPADAS • RECEPTORES DE RÁDIO • VÁLVULAS DE RÁDIO • APARELHOS DE MEDIDA • APARELHOS DE RAIOS X • GERADORES DE ALTA FREQUÊNCIA • EMISSORES • POSTOS DE SOLDADURA LÂMPADAS FLUORESCENTES • AMPLIFICADORES • EQUIPAMENTOS DE CINEMA • TELEVISÃO

LINHAS CLÁSSICAS
DE RARA ELEGÂNCIA!

O NOVO VAUXHALL 1949

Portugal é lindo! Quantos maravilhosos e imponentes monumentos não podemos admirar por esse Portugal afora?

Monumentos de linhas sóbrias, clássicas e típicas da nossa arquitectura e que obedecem quase todas a uma simplicidade que agradou aos nossos antepassados e agradará aos nossos descendentes. Construía-se para durar.

Assim também os fabricantes ingleses fabricam para durar. Mantêm as linhas aprovadas como clássicas que aliam a simplicidade moderna e beleza à comodidade e resistência necessárias para um carro de cidade e de turismo.

VAUXHALL apresenta agora os dois novos modelos de 4 cilindros e de 6 cilindros precisamente para esses dois fins:

O de 4 cilindros - carro económico, resistente, cómodo e amplo o carro é utilitário por excelência.

O de 6 cilindros - carro de turismo com amplo espaço para passageiros e para bagagens, veloz, resistente e brilhante na sua performance mantém a inegualável economia dos carros Europeus.

Visite o Concessionário distrital VAUXHALL e peça-lhe todos os informes.

VAUXHALL é um produto da GENERAL MOTORS.

DOIS GRANDES NOMES — DUPLA GARANTIA

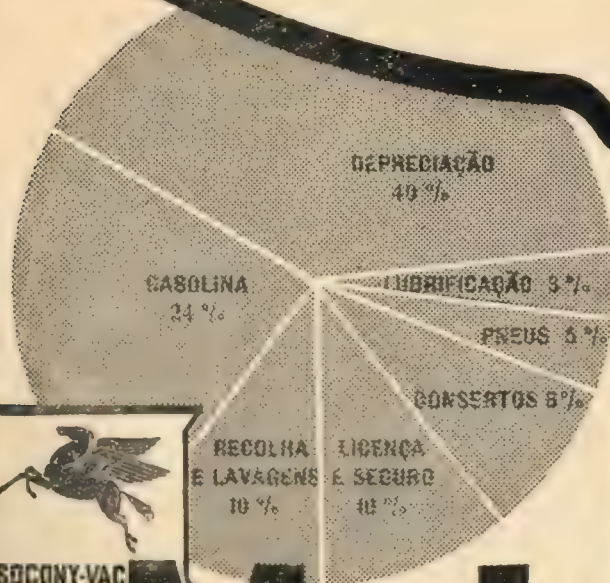
CONCESSIONÁRIOS EM TODOS OS DISTRITOS DO PAÍS

a melhor lampada para: desenhar, bordar e escrever

APENAS 3%
DAS DESPEZAS...

Das despesas de manutenção, reparações e outras que V. Ex.ª tem anualmente com o seu automóvel, em regra, apenas 3 % são absorvidas com a lubrificação.

Consequentemente, mesmo que a lubrificação não tivesse primacial importância na vida do carro, valia a pena fazê-la sempre com Mobiloil e Mobilgrease nas Estações de Serviço Vacuum-Mobiloil, que se encontram apetrechadas e às ordens de V. Ex.ª para manter o seu carro com o maior cuidado, mediante uma remuneração razoável.

2153

Mobiloil

SOCONY-VACUUM OIL COMPANY, INC.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
R. DE S. PEDRO DE ALCÂNTARA 45, 1.º-TEL. 3 2531-LISBOA

PANORAMA

Revista Portuguêsa de Arte e Turismo

EDIÇÃO DO SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO, CULTURA POPULAR E TURISMO

NÚMEROS 36 e 37 ★ ANO de 1948 ★ VOLUME 6.º

CAPA DE EDUARDO ANAHORY. — EXTRA-TEXTOS A COR DE: BERNARDO MARQUES E CARLOS RIBEIRO. — DESENHOS DE: ANTÓNIO DUARTE, ANTÓNIO-LINO, BERNARDO MARQUES, MARIA DE LOURDES SANTOS PINTO, MARIA LUISA TAVARES E RUDY. — FOTOGRAFIAS DE: A. CASTELO BRANCO, DOMINGOS BERTRAND, HERMINIOS, HORÁCIO NOVAES, DR. LUIS XAVIER, MÁRIO NOVAES E RUY CINATTI.

Condições de assinatura para 6 números: Portugal (Continente, Ilhas Adjacentes e Províncias Ultramarinas), Espanha e Brasil: 60$00 — Estrangeiro: 85$00 — Distribuidor no Brasil: Livros de Portugal, Lda. — Rua Gonçalves Dias, 62, Rio de Janeiro

Capa: Litografia de Portugal — Fotolitografias: Litografia de Portugal, Fotogravura Nacional e Litografia Amorim — Gravuras: Bertrand, Irmãos, Lda e Fotogravura Nacional, Lda. — Composição e Impressão: Tipografia da Emprêsa Nacional de Publicidade

PREÇO: 20$00

A ESTRANHA AVENTURA DE SINTRA

E Cíntia, como lhe chamavam os gregos e os túrdulos, deriva o nome de Sintra. Cíntia era então, para sábios e poetas, o promontório da lua. O promontório da lua! Fantástica, misteriosa designação... Que realidade escondida, que verdade ignorada entreviram, lùcidamente, os nossos longínquos antepassados? Nada ficou escrito, e a tradição oral não conserva vestígios dos reinos sonhados, dos caminhos pressentidos. Os séculos foram passando e, pouco a pouco, os homens foram destruindo implacàvelmente os velhos mitos. Não importa. Nós sentimos, nós sabemos que só eles tinham razão, que Sintra não é um lugar como outro qualquer, que Sintra caiu entre nós por qualquer morta aven-

tura, que Sintra não nos pertence, e nós não a merecemos porque não cremos na sua estranha origem.

Condições climatéricas, natureza do terreno, constituição geológica? Mentira, horrível mentira! A força que alimenta os fetos, erguendo-os até ao céu, e dando-lhes natureza de árvore, a seiva que oferece às flores tão belos e variados matizes, as mil tonalidades do verde, a harmonia duma paisagem em que os rochedos e os penhascos se conjugam com as camélias e com os cisnes brancos, o sangue que palpita nas veias da serra de Sintra, vêm da lua, da nuvem, de toda a parte, menos deste mundo. Os que amam Sintra, os adeptos da sua doce religião pagã, sabem-no bem. É um mundo diferente, onde a beleza é o ar que se respira, e a poesia é a própria respiração.

Este ponto fresco do vale, em que o olhar sobe, trepando a vegetação da montanha, atravessando as paredes frias do Palácio da Pena e perdendo-se ao longe, para lá do dia e da noite; aquele panorama do Castelo dos Moiros em que, sentados nas ameias gastas da muralha, avistamos o mar confundido com o céu; aquele outro lugar onde o Paço Real de Sintra, pesado de história, se esconde por detrás dum muro inteiramente coberto de musgo velho — ou o momento irreal em que a vista da ser-

rania, com o céu, a floresta, e a rocha, o cheiro húmido da erva medrando em todo o lado, o fino som da água caindo da fonte e das aves cantando nas copas das árvores, se transformam numa única sensação, nova, selvagem e indiferenciada —, nada disso pode fazer parte da nossa humanidade.

Estivemos em Sintra há pouco, por uma tarde calma, uma tarde de silêncio e de frescura. Visitámos as belas salas do Paço, onde viveram os reis de Portugal, percorremos as ruelas estreitas e íngremes, as escadarias tortuosas serra-acima, emolduradas de céu e de montanha, descemos ao vale onde os riachos frios alimentam canaviais ondulantes, e onde as mulheres lavam a roupa rindo e cantando, passeámos nos caminhos poéticos, profundos de sombra e verdura das pequenas quintas cercadas de muros altos, cobertos de trepadeiras, fomos a Monserrate, onde a colina é verde e a água é escura como um mistério, funda como a própria existência, admirámos a beleza cuidada do Parque de Pena, e estivemos também no palácio, donde a vista da terra não tem fim, e a vista do céu parece ter limites, passámos por todos os pontos consagrados de Sintra, os Capuchos, Seteais, a Fonte dos Passarinhos... O trabalho do homem, em Sintra, não briga com o trabalho da natureza, antes o auxilia — e disso nos devemos orgulhar, nós, portugueses. Que naquele ponto da terra, o homem tenha recuado, tenha hesitado, indica um respeito, uma admiração, que não fazem parte da sua índole. O homem apaga-se, ocupa voluntàriamente ali, a posição de segundo plano. Porquê? Que poder sobrenatural se desprende das faldas

luxuriantes da serra? Sintra é a terra das interrogações, das surpresas.

Porque é que naquele recanto nevoento, se juntam plantas e flores dos cinco continentes? Porque é que as nuvens vêm cobrir, a todo o instante, os seus píncaros que não ultrapassam, no entanto, os quinhentos e quarenta metros? As nuvens buscam o promontório da lua, saudade dum planeta ou duma estrela onde estiveram um dia.

Ah, sim! Sintra nasceu de qualquer aventura esquecida pelos séculos, e veio até nós como cometa, bólido de outros espaços e outras dimensões. E como se compreendem à luz desta realidade, as sombras e as encostas verdes de Monserrate, os pequenos lagos tranquilos da Pena, os rochedos bravios da serra, as ramagens intermináveis das árvores, formando um tecto de penumbra, os arbustos desconhecidos na Europa, as quintas emolduradas na natureza, os campos de flores, como se compreende o mistério enevoado de Sintra?

Abandonemos inteligência, lógica, raciocínio. Sintra é para sentir, e só sentindo, se pode conhecer. Abandonemos regras e ciências: é a única maneira de possuir a eterna poesia de Sintra.

Aqui deixamos a brisa da mensagem que uma tarde mansa e silenciosa de Sintra, nos ofereceu:

Tinha acabado de chover havia

pouco tempo. As nuvens, opacas e cinzentas, afastavam-se pouco a pouco, levadas por uma breve aragem. Dum momento para o outro, o céu ficou descoberto e o azul invadiu a atmosfera, tal um sorriso súbito. Desprendia-se da terra um cheiro de ervas molhadas e de folhas a secarem. O sol chegou também, um sol fresco e alegre, e ficaram mais brancas as penas dos cisnes que, de novo, um a um, se lançavam à água.

O Castelo e o Palácio, que antes se erguiam sombriamente, ficaram mais leves, mais claros, como se tivessem esquecido o passado e tornassem à vida. Do vale, as vozes e os ruídos do trabalho no campo ganharam sonoridades e ecos.

O canto dum rouxinol cresceu no silêncio, atravessou matas e penedos, e foi-se perder, para lá dos contornos da montanha.

Foi como uma revelação. A presença de *qualquer coisa mais*, a presença duma voz surda e irreal, a presença dum mundo diferente tornou-se-nos evidente e irrefutável. Mensagem invisível e impalpável, ela tocava-nos, todavia, e manifestava-se como sentimento nunca experimentado. Era a lembrança, a saudade da estranha aventura de Sintra, do promontório da lua.

Quem duvidar, quem zombar desta vida transcendente que a alimenta, então nunca poderá, realmente, entrar em Sintra.

ANTÓNIO QUADROS

DESENHOS DE BERNARDO MARQUES

Sintra

SONHO QUE É REALIDADE

O MAIS BELO DE TODOS OS SÍTIOS DA TERRA (LICHNOWSKY)

Em Sintra, todas as perspectivas são igualmente belas. Se, da vila, o panorama da serrania é imponente e esmagador — a paisagem que se avista do Castelo dos Moiros adquire, como nestas fotografias, inesperados aspectos de imensidão e doçura.

SINTRA, *glorious Eden* de Byron, lusitano paraíso, quem deixa de sonhar contigo ou de retraçar a si próprio esse lugar encantado, pintando-o com brilhantíssimas cores, como quadro radiante de fantasia! É por isso que todo o estrangeiro se apressa o mais que pode em visitar Sintra, para ali à primeira vista, ou desfalecer-lhe o entusiasmo forçado ou sentir a convicção de que não fora preenchida a sua expectação. Quase sempre é o que acontece acerca de todos os objectos que gozam duma denominada reputação europeia e dos quais por muito tempo e excessivamente se tem ouvido falar.

Todos encontraram Paris mais pequeno, o Monte Branco menos elevado e o Reno mais estreito do que se tem escrito; outro tanto me sucedeu em Sintra. No fim de três dias de residência em Lisboa, quase que me envergonhava de não ter ainda visto Sintra; quando, porém, a vi, achei-me desencantado e, com estranheza e admiração, procurava com ardor o momento importante em que deveria desenvolver-se a meus olhos o oculto prestígio da preconizada Sintra.

Foi baldado o meu empenho; todavia, quanto mais tempo me demorava em Sintra, tanto mais aprazível me parecia e mais sonhadamente romântica, até que, quando finalmente me foi forçoso partir, repassou-me um tão íntimo desgosto, que de todo se tornou manifesto para mim que ali havia muito mais do que aquilo que a princípio tinham descoberto meus olhos profanos. O pesar da minha separação era a vingança do encantamento que eu desconheci. Essas frescas veredas cobertas de folhagem, o crescimento majestoso e exuberante da vegetação, as cascatas e frígidos regatos, as montanhas e penedias, a perspectiva das campinas e do Oceano, tudo isso nunca o esquecerei, e, com a autoridade de Byron e de Camões, com a opinião dos poetas e dos literatos de todos os tempos e de todos os povos, proclamarei Sintra o mais belo de todos os sítios da Terra.

PRÍNCIPE FÉLIX LICHNOWSKY

«Portugal»

Recordações do ano de 1842

As mais variadas espécies arbóreas dos climas temperados e quentes fazem das matas e parques da Serra autênticos recantos edénicos.

PRECISAREI de dizer a razão por que o palácio de Sintra é um desses lugares donde gostaria de expulsar o turismo, para lá viver a meu gosto, num fresco silêncio, numa preguiça paradisíaca, com amigos músicos, jogadores de xadrez, e letrados? Com que íntimo bem-estar ouviria algumas vezes, cobrindo o rumorejar das fontes, tão permanente que compõe um género de silêncio, uma bela voz quente a dizer-me os versos de Camões ou os de Gil Vicente, o poeta manuelino:

Um jardim de paraíso ideal. Que Salomão mandou aqui. A um Rei de Portugal...

Bela paráfrase a estes jardins de Sintra, onde os vales de exótica vegetação fazem desabrochar uma vaga de fetos e palmeiras por entre relvados de um verde inglês.

A. T'SERSTEVENS

* * *

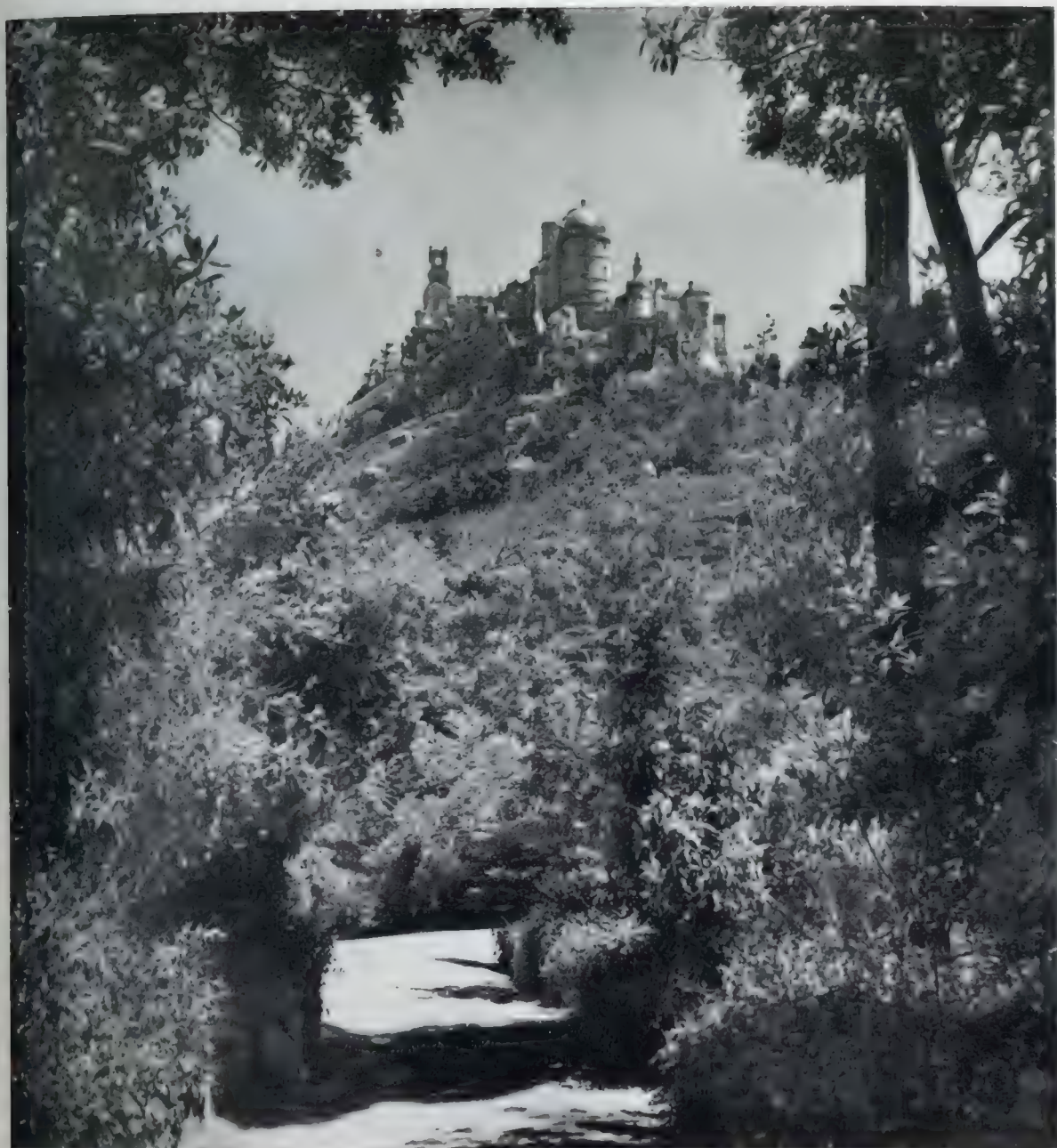
...DAQUI a Sintra andam-se cinco léguas sobre um piso mau e duro; mas quando se chega lá, fica-se bem compensado da fadiga que se experimentou, pela frescura

do ar e a vista dos bonitos retiros espalhados, na encosta norte da serra que nós fomos ver há alguns dias. Aqui a natureza, desprovida dos esforços mesquinhos da arte, dá, em espectáculo, as suas belezas fantásticas e encantadoras num muito alto grau, e fiquei encantado atravessando os penedos enormes dessa serra, agrestemente misturada de bosques e água. Os antigos tinham chamado com propriedade a esse sítio *promontorium lunae*, promontório da lua; de facto, quis-me parecer que tínhamos uma vista mais próxima e mais distante desse belo lumiar, do ponto mais elevado da serra, sobre o qual os antigos construíram um templo que lhe era dedicado, sob a invocação de Cíntia, donde vem o nome moderno de Sintra; e não há certamente um ponto no globo onde melhor se possam fazer observações astronómicas, seja que se considere a altura da serra, a serenidade da atmosfera ou a extensão do horizonte, guarnecida com a ampla vista do grande Oceano Atlântico, que se desdobra imediatamente aos pés da serra iluminada pelo sol poente.

ARTHUR WILLIAM COSTIGAN
«Cartas de Portugal»
1778-1779

* * *

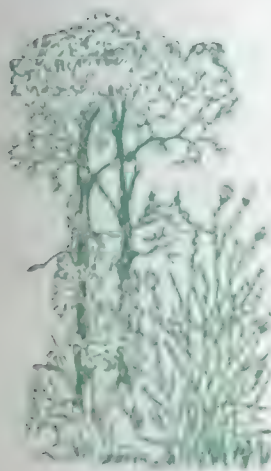
SERIA tão difícil descrever Sintra, como encontrar-lhe paralelo. É o *koh-i-nor* da paisagem portuguesa...

HUGH OWEN

EM beleza selvagem, em suavidade e frescura de atmosfera, mesmo nos grandiosos aspectos do vale, montanha e mar, o Buçaco pode rivalizar com Sintra e, sob certos pontos de vista, excedê-la. Mas, as longas linhas de ameias velhas e as torres maciças, sobrepostas aos eternos penhascos suspensos sobre a pequena vila e as suas ravinas arborizadas, justificariam, por si sós, uma viagem a Portugal.

MARTIN HUME

Os contos maravilhosos das «Mil e uma noites», falavam de lendas e países deslumbrantes onde os génios transformavam as choupanas em palácios reais. Os contos e as lendas não mentiram. Existe ainda algures, neste mundo, uma terra encantada: é Sintra — como escreveu um dia George Borrow.

— Flores de Sintra, eterno e poético mistério de Sintra...

Jardins exóticos do Japão ou da China? Parques floridos da Holanda? Vegetação luxuriante da América do Sul?

FOTOS DE HORACIO NOVAES

SINTRA, onde iremos encontrar a temperatura mais idealmente fresca e consoladora, assenta num maciço de granito que, em época relativamente moderna, irrompeu do terreno cretácio envolvente, devendo à natureza especial do seu solo a vegetação maravilhosa que veste toda a montanha e as águas preciosas que surgem por toda a parte.

Além do Paço Real, que é um dos mais interessantes e sugestivos do País, Sintra conta nas suas encostas uma longa série de magníficas quintas, muitas das quais dignas de serem visitadas.

O facto que, porém, a torna mais notável, é a grande diversidade dos seus panoramas e pequenas paisagens. De qualquer elevação a que se suba, avista-se sempre a vasta campina, que se estende no sopé da montanha, limitada a poente pelo mar e a nascente por uma cadeia de cerros pouco elevados. Para norte, o horizonte é ilimitado. É neste chão extensíssimo que fica Mafra, lá ao longe; mais perto, Colares;

Nunca em minha vida contemplei quadro algum que mais apto fosse a encher o espectador de prazer e admiração. Respirar o ar de Sintra é, por si só, um prazer inefável.

ROBERT SOUTHEY

à esquerda, as Azenhas do Mar; e depois um rosário doutras povoações menores. Mas o encanto, para o pintor, reside pròpriamente nos mil incidentes que nos surpreendem a qualquer volta do caminho, dentro da povoação e nos terrenos montanhosos que a envolvem; a pequena paisagem local, enfim. Assim o sente também Eça de Queiroz, quando nos descreve Sintra num dos seus romances: *Os Maias*. A descrição aparece entrecortada pelo diálogo travado durante um passeio através da vila. Eça sente vivamente todos os aspectos, tem a visão aguda do impressionista que ràpidamente fixa, na mancha, os movimentos mais subtis, pela oposição e gradação dos valores.

ANTÓNIO ARROYO

(*Notas sobre Portugal*, Vol. II)

* * *

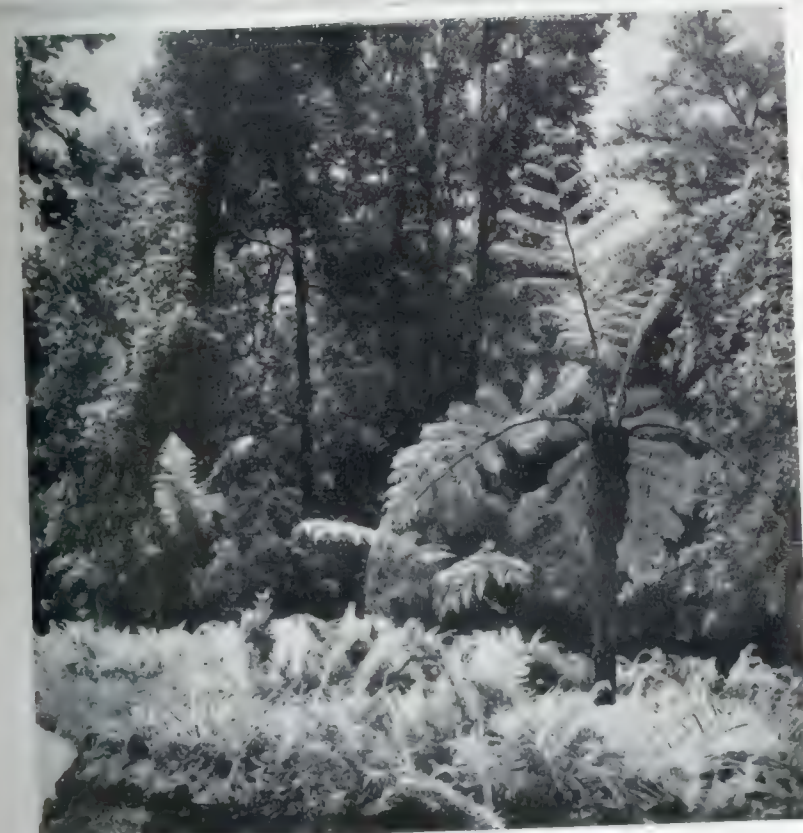
DEJAR a Sintra, y ver al mundo intero es, en verdad, camiñar en capuchero.

Provérbio espanhol

O céu de Sintra é, por vezes, assim: — tecido de finas ramagens,
de reluzentes folhas, de troncos amorosamente abraçados...

FOTOS DE HORACIO NOVAES

Oh! em que variegado labirinto de montes e vales surge agora o glorioso Éden de Sintra! Ai de mim! qual a pena ou pincel que reproduzir pode metade, sequer, das suas belezas?!

LORD BYRON

Hoje é o dia mais feliz da minha vida. Conheço a Itália, a Grécia, o Egipto, e nunca vi nada comparável à Pena. Este é o verdadeiro jardim de Klingsor e, lá no alto, está o Castelo do Santo Graal!

RICHARD STRAUSS

A FOTOGENIA DE SINTRA

Não há fotógrafo amador que visite Sintra e não fique imediatamente fascinado pela fotogenia da sua paisagem. Mais: a luminosidade, a policromia e o pitoresco sui-generis *da paisagem de Sintra são infalíveis excitantes da vocação de fotógrafo. O que sucede, porém, é que parece fácil fixar a evidente fotogenia de todos esses elementos plásticos, mas depois, no acto quase mágico da revelação, a maioria das provas saem frustes, e só lá de quando em vez aparece um* cliché *que não faz diabólica partida. Só um talento especial e uma experiência razoável ajudam o fotógrafo amador a obter com regularidade imagens que não ofendam a beleza e o encanto da fotogenia sintrense. Mais raros, ainda, são os que sabem tirar partido das dificuldades latentes, valorizando um ou outro aspecto com a segurança de quem se familiarizou com os segredos técnicos da arte fotográfica. É este o caso do Sr. Dr. Luís Xavier — como demonstram as provas que reproduzimos nestas páginas.*

«A altitude prodigiosa do lugar, os profundos abismos, as massas dos rochedos que parecem despenhar-se e cujas cumieiras são coroadas de majestosas árvores, concorrem para dar a êste sítio um carácter profundamente romântico». (José Gorani)

SINTRA — CARTAZ DE CARLOS RIBEIRO — EDIÇÃO DO S. N. I.

Nos calmos tempos em que predominava um estilo de vida romântico,
o maior sonho de todo o português abastado era edificar um palácio em Sintra

Rosácea do Castelo da Pena — um dos monumentos nacionais que mais encantam os estrangeiros que nos visitam. — Na página seguinte: Uma cena de negócios, na feira de S. Pedro, em Sintra

A Pena, focada do Castelo dos Mouros. — Apesar do estranho compósito de estilos que constituem a arquitectura do edifício, o certo é que o seu valor artístico e interesse cenográfico desde sempre e ainda hoje se impõem à admiração de todos

Velho moinho, em Sintra. — Nas madeiras do velame, vêem-se os púcaros de barro que os moleiros usam, como tubos de flauta, para que o moinho moa e cante, ao mesmo tempo

FOTOS DO DR. LUIZ XAVIER

ÁGUA-TINTA DO PINTOR INGLÊS DO SÉC. XVIII, CLEVELEY

COLECÇÃO DO DR. DAVID BENOLIEL

Sintra é uma fonte inesgotável de imagens sempre frescas para a retina sedenta dos pintores que a visitam. São inúmeros aqueles que nos seus encantos se enlearam, coleccionando-as com a avidez de uma criança a quem permitissem colher livremente as flores mais viçosas de um jardim. Quiséssemos nós — e pudéssemos — reproduzir todas as gravuras, óleos, aguarelas e desenhos em que artistas nacionais e estrangeiros interpretaram, desde o século XVII até hoje, os diversíssimos trechos paisagísticos da vila e da serra, e seria este número da nossa Revista, não o que é — o que pôde ser... — mas um álbum monumental, com centenas de páginas. Só as gravuras inglesas de que temos conhecimento, na posse de zelo-

SINTRA. PAÇO DA VILA — PANORAMICA EM AGUA-TINTA
DO PINTOR INGLÊS CLEVELEY. — SECULO XVIII.

COLECÇÃO DO DR. DAVID BENOLIEL

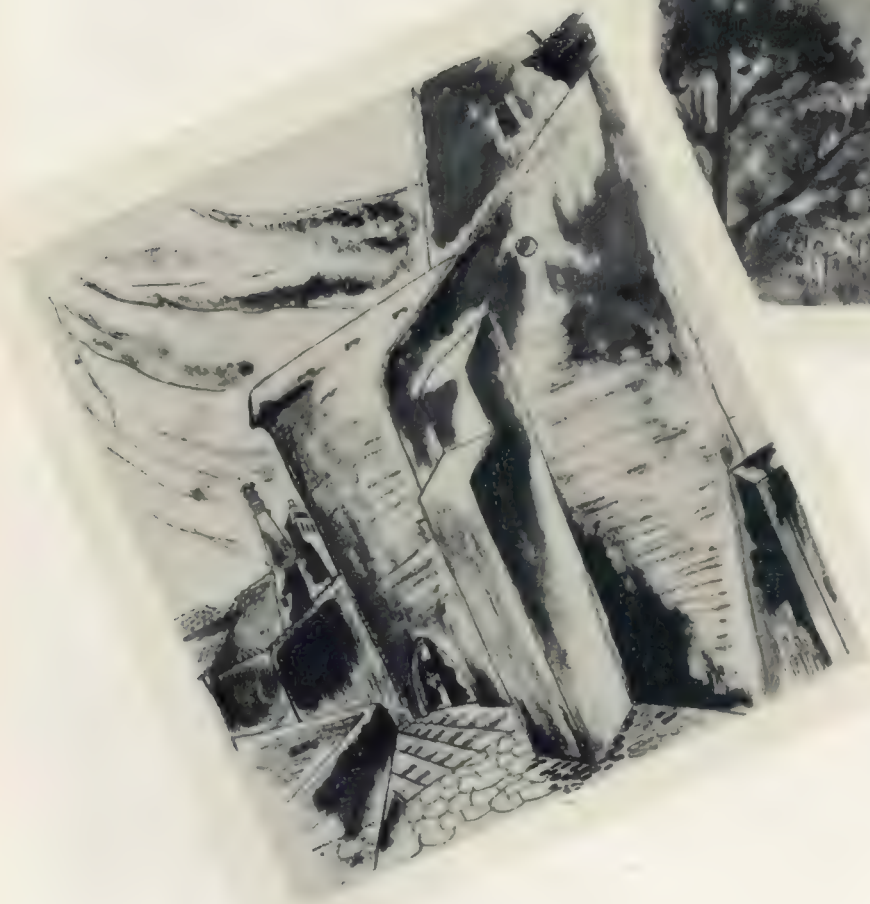
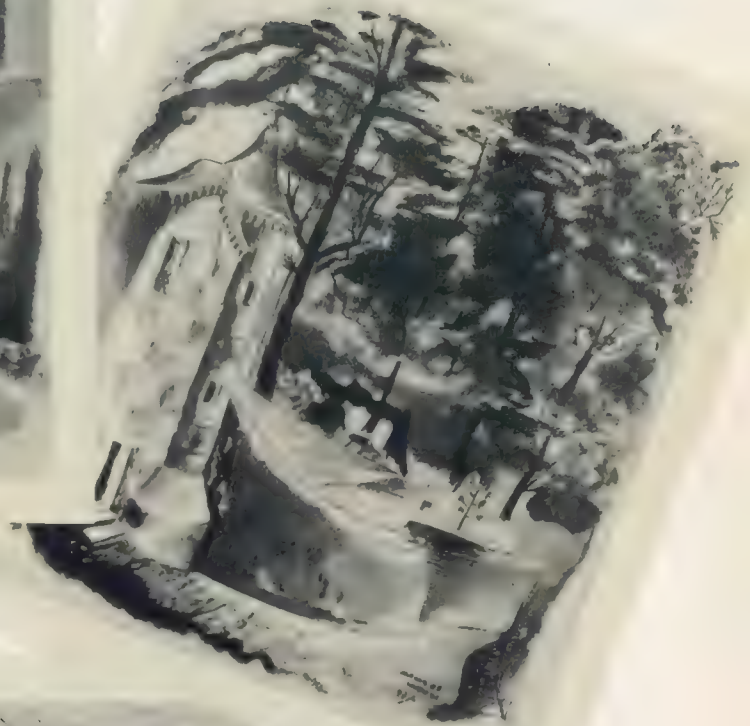
sos coleccionadores, proporcionariam muitas horas de enlevo a quem se desse ao gosto de vê-las reunidas sobre a mesa.

Mas há que seguir um critério, quando se impõe uma restrição — e nós optámos por este: divulgar o menos divulgado. Assim, das inúmeras interpretações estrangeiras, escolhemos estas interessantes águas-tintas do pintor inglês setecentista Cleveley, sem dúvida apenas conhecidas de raros apreciadores.

Quanto aos artistas nacionais, claro que não ignoramos a valorização dada por alguns dos mais notáveis àquilo a que podemos chamar a «temática sintrense»; porém, como uma das finalidades de *Panorama* é revelar — ou, pelo menos relevar — novos valores, preferimos reproduzir aqui alguns trabalhos inspirados por Sintra a jovens artistas cujos nomes merecem ficar retidos na memória do público.

SALOIOS EM DIA DE FESTA
(GRAVURA DO SÉCULO XIX)

SINTRA — AGUARELA DE BERNARDO MARQUES

AZENHAS DO MAR — AGUARELA DE RUDY

ALGUNS ASPECTOS DE SINTRA DESENHADOS PELA ARTISTA MARIA DE LOURDES SANTOS PINTO

SINTRA — AGUARELA DE MARIA LUISA TAVARES

SINTRA — AGUARELA DE ANTÓNIO-LINO

A POESIA NO MUSEU DE ARTE POPULAR

O CENTRO REGIONAL, na Exposição do Mundo Português, em 1940, orientado e organizado pelo então Secretariado da Propaganda Nacional, fora já uma grande realização deste departamento do Estado, a mais notável, sem dúvida, em certames deste género, excedendo todas as expectativas e para além de todas as exigências. O MUSEU DE ARTE POPULAR, recentemente inaugurado, único no seu género, com espaço suficiente para se engrandecer, dia a dia, visitado constantemente por estrangeiros que não se cansam de o admirar, Museu em que a ciência etnográfica se transforma (ainda bem!) em poesia, é o resultado, a apoteose da acção lenta, pertinaz contra todas as incompreensões de um organismo oficial que tem dedicado o melhor do seu esforço à iluminação e valorização da alma nacional!

A propósito deste Museu, disse ainda, recentemente, o ilustre desenhador francês Roger Wild: «A visita comovente que fizemos ao maravilhoso Museu de Arte Popular fornece-nos, entre tantas outras, a prova soberana de que a acção, assim conduzida, resulta magnìficamente para além de todas as previsões, pois que esta acção, ultrapassando o seu domínio próprio, exerce um estímulo benéfico em sectores que escapam à sua acção directa.»

É assim, efectivamente. O Museu de Arte Popular, realização ímpar, sem confronto fácil, honra o organismo que o orientou e dirigiu, o regime em que foi possível e, finalmente, «o povo que foi o seu autor».

É mais do que habilidade, talento ou perícia o que o povo demonstra possuir, quando sabe servir-se, sem que ninguém lhe tenha ensinado, de um pincel, de um canivete ou de uma agulha para ornamentar a proa de um barco, gravar um perfil num bocado de madeira ou bordar num lenço uma cercadura de flores. Vem de mais longe e de mais fundo o impulso inicial da expressão plástica popular. Vem de mais longe no tempo e de mais fundo na alma, podendo dizer-se que é dessa distância e dessa fundura que resultam o poder intuitivo e a autenticidade que o produto revela, quando se distingue, logo à primeira vista, da obra de arte erudita, sem ser, no entanto, meramente infantil nem destituído de valor estético.

É também dessa fundura e distância que deriva estoutro fundamental distintivo da arte popular: o seu carácter nacional. Que faz com que uma simples bilha ou boneco de barro, um jugo de bois ou uma candeia de latão, uma colcha ou um tapete saiam das mãos de um rústico português completamente diferenciados de peças congéneres produzidas por um francês, um russo

ou um espanhol? Não é, decerto, apenas a habilidade, o talento ou a perícia. É a graça vital que constitui a essência de uma tradição e que na alma sensível do povo se concentra e conserva. Daí, a verdadeira, inimitável e encantadora ingenuidade da coisa expressa verbal ou plàsticamente. Quanto mais pobre seria o Mundo e mais triste a humana existência, se pela total uniformidade se confundissem os modos de expressão artística de todos os povos!

Se uma nação tem alma própria (e ter alma própria é a maior riqueza das nações como dos indivíduos), a arte e a literatura do seu povo o dirão. Não há quem negue o valor inestimável dos Cancioneiros, justamente por serem repositórios das criações poéticas populares, isto é: autóctones. A memória, tanto individual como colectiva, é caprichosa e precária e, quando apenas a ela confiada, a tradição corre o tremendo risco de perder-se ou, quando menos, de abastardar-se. Assim, nenhum português consciente e esclarecido ignora quanto o património cultural da Nação ficou devendo a um Garrett, a um Teófilo Braga e a um José Leite de Vasconcelos por esse esforço ingente e amoroso de recolher em livros os rimances, as trovas, os contos e as lendas que estavam prestes a naufragar na memória do nosso povo.

Pois bem: teve a mesma génese e a mesma finalidade o Museu de Arte Popular que o Secretariado Nacional da Informação organizou e que fica sendo, certamente, um dos mais completos e belos da Europa. Também amorosos e ingentes foram os esforços que se conjugaram (e agora, decerto, em mais difíceis circunstâncias) para coleccionar, em cerca de dez anos, e reunir noutras tantas salas, as muitas centenas de variadíssimos espécimes regionais que patenteiam ao visitante o extraordinário e diferenciado poder criador do povo português, não sendo excessivo afirmar-se que, sem

esses esforços, se romperiam talvez para sempre os elos que tornam possível o desenvolvimento ou a reprodução dalguns dos mais belos e originais temas plásticos, elementos artísticos ou processos técnicos ali documentados. «Mais alguns anos — disse António Ferro no discurso inaugural do Museu — e muitas destas coisas, aparentemente insignificantes mas preciosas, teriam desaparecido, levadas por essa onda de utilitarismo, de fabricação em série, que sacode o Mundo, por essa *uniformização* dos gestos e das próprias sensações que tornam as almas monocórdicas, possível fim da beleza e, até, fim do homem.» Mas o Museu de Arte Popular não é sòmente um documen-

FOTOS DE CASTELO BRANCO

tário nem apenas um espectáculo. É — como devia ser — ambas as coisas e mais alguma coisa: é um cancioneiro ilustrado. Poesia do nosso povo, plàsticamente interpretada pelo mesmo povo, com a graça formal, o sentido de harmonia, o pitoresco e o encanto que lhe são naturais

A gostosa sensação de folhear a sua alma, colhida por quem, estrangeiro ou nacional, visita as salas deste Museu, é consequência directa do bom-senso, ou melhor: da necessária sensibilidade com que os seus organizadores souberam respeitar a poesia que os objectos coleccionados emanam, *apresentando-os* poèticamente.

Foi ainda António Ferro, no citado discurso, quem definiu e justificou esse caráter *sui géneris:* «Haveria, talvez, quem preferisse que esta casa tivesse aquele ar de fechado, morto, embalsamado, com muitas vitrines e ficheiros tão peculiares em museus deste e de outro género. Mas propositadamente se lhe deu esta atmosfera poética. Arte popular e poesia são expressões sinónimas. Pode até dizer-se que a arte popular é a poesia dos dedos do povo, poesia dos simples. Assim, este Museu não é apenas um Museu de arte popular, onde as coisas venham a encher-se de bolor; é também, ou sobretudo, um Museu poético — o Museu da poesia esparsa, do povo português, da terra portuguesa».

Admirável documentário, espectáculo e cancioneiro ilustrado, este Museu poético — como talvez não haja outro no Mundo — é ainda uma aula prática, viva, sempre acessível e aliciante, onde os nossos artistas, contemporâneos e vindouros, podem e devem colher os mais fecundos ensinamentos e as mais felizes sugestões, para que as suas personalidades e, logo, as suas obras, não se desenraizem de todo e inglòriamente se estiolem, à míngoa de genuína seiva, de *substância nacional.*

Foram principais e infatigáveis colaboradores de António Ferro na oportuna materialização deste seu velho e bonito sonho, o etnógrafo Francisco Lage, o pintor Tomás de Mello (Tom), os arquitectos Veloso Reis e Jorge Segurado, e os artistas chefiados por Tom na efectivação dos arranjos decorativos e pinturas murais, que deram maior calor e mais sentido às salas representativas das nossas diferentes regiões etnográficas: Estrela Faria, Manuel Lapa, Paulo Ferreira e Eduardo Anahory.

Presépistas Portugueses do Século XVIII

No século XVIII, que podemos classificar como *Século dos presépios*, foram — além das colaborações dos franciscanos e também dos dominicanos — os portugueses vindos de Itália, aonde tinham ido estudar por conta dos fidalgos e à ordem da Corte, que trouxeram a graça, a *moda* e o espírito — *a nova novidade já antiga em Lisboa* —, dessas composições de sentido teatral e pitoresco. Segundo a tradição, datam do século XII, em Roma, os presépios pròpriamente ditos acompanhando as representações da chamada Comédia Italiana, tal e qual como três séculos antes, em França, os dramas litúrgicos haviam nascido a par das cenas vivas da Natividade.

Cremos que, depois de Marselha e Nápoles, é Lisboa que melhor e maior número de presépios conserva. Parecidos embora, são, todavia, muito diferentes, porque assim como cada terra tem seus usos, estes, pelo menos, com a expressão íntima que os vivifica, tornaram-se distintos e com nacionalidade bem marcada. D. João V, que não hesitou nunca em fazer importar obras de preço para gozo próprio, festejava no Paço um muito antigo, que «lhe falava a língua portuguesa».

Os presépios portugueses do século XVIII dividem-se em três ou quatro grupos distintos, pelo menos: o do *Presépio* clássico, tal-qualmente como no-lo conta a História, isto é, a *Adoração* da Virgem, de S. José e dos Anjos ao Menino recém-nascido, com a assistência dos dois animais domésticos; o dos pastores e doadores comovidos, que se

TOCADOR DE GAITA DE FOLES — PRESÉPIO DOS MARQUESES DE BELAS
POR BARROS LABORÃO, ESCOLA DE MACHADO DE CASTRO
PERTENCE AO MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA

ANJO DUMA GLÓRIA — PRESÉPIO DOS MARQUESES DE BELAS
ESCOLA DE MACHADO DE CASTRO
PERTENCE AO MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA

juntam a essa *Adoração*, ora de joelhos ora de pé, respeitosos e formando alas laterais, num afastamento tímido e algo de cena: o dos cortejos e cavalgadas, com os Reis Magos na frente ou a meio da comitiva, imponentes e ricos como convém às suas majestades, com indumentárias e gualdraparias orientais, que tanto brilho dão aos cavalos e aos camelos, quando não também aos elefantes: e o dos episódios pitorescos do século, com sabor popular quase à parte, como a matança do cevado, os magotes de romeiros arranchados em comezainas, as burricadas, os galanteios das fontes e usanças de arraial e de pastoris folgares, havendo de incluir neste grupo algumas cenas de motivo cristão, mas às quais os barristas imprimiam caracter popular, como a Anunciação aos Pastores, a Fuga para o Egipto, a Degolação dos Inocentes, a Disputa entre os Doutores, o acto da Circuncisão e outros mais, a começar pela Anunciação à Virgem. Estes grupos têm características notáveis muito à parte, como têm situação distinta de disposição no quadro, proporções exigidas pela perspectiva convencional dessa mesma situação, graças de composição bem diferentes e sempre particularidades de execução escultórica, revelando cada presépio, portanto, o génio de quatro excelentes escultores especializados, sujeitos à disciplina imposta pelo autor do risco geral, que é sempre um desses escultores e, porventura, quem modela o grupo central do presépio. Além destes

PASTORES EM ADORAÇÃO

ANJOS MÚSICOS — PRESÉPIO DA MADRE DE DEUS
OFICINA DE ANTÓNIO FERREIRA
PERTENCE AO MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA

PASTORES EM ADORAÇÃO — PRESÉPIO DE S. VICENTE DE FORA
POR MACHADO DE CASTRO
PERTENCE AO MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA

TIPOS POPULARES COM OFERENDAS - PRESÉPIO DA MADRE DE DEUS
POR ANTÓNIO FERREIRA
PERTENCE AO MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA

quatro grupos e destes quatro artistas bem definidos, há outros secundários, guiados por anedóticas concepções, obra de menos importância e anónima.
Dos principais presépios existentes em Lisboa, destacamos um bloco, pelo menos de cinco, pela sua relativa unidade de composição e de técnica nos modelados, com grande aproximação dos riscos do quadro geral e com nítido parentesco na execução das personagens dominantes: o da Sé, o da Estrela, o de Bèlas, o de S. Vicente e o pequeno, do Desagravo. Diferenciando-se quanto possível na estrutura original que cada um requeria, com engenhos simples ou complicados, consoante os tamanhos e destinos seus, guardam nos motivos de primeira evidência e nos de simbologia cristã ou nos de pitoresco popular, uma incontestável personalidade, que atribuimos com convicção a um único Mestre: Joaquim Machado de Castro.
Num estudo que me sugeriu a Exposição dos Barristas Portugueses, realizada no Natal de 1938, no Museu Nacional de Arte Antiga, e que em 1940 publiquei, com o título de «Em redor dos presépios portugueses», encontrará o leitor deste breve artigo mais desenvolvidas e objectivas considerações, com demorada incidência nas referidas obras-primas do nosso genial estatuário setecentista, bem como nos trabalhos dos seus discípulos e émulos, nomeadamente os do notabilíssimo barrista António Ferreira — «o Ferreirinha de Chelas» — a quem ficámos devendo, entre outras, as maravilhas que são o presépio da Madre de Deus, e os grupos equestres e figuras que restam de vários conjuntos escultóricos do mesmo Mestre. É justo fixarem-se igualmente os nomes de Barros Laborão e Faustino Rodrigues.

D. DE M.

Fotos de Domingos Bertrand

CENA POPULAR E PITORESCA DE CAVALARIA

ASTÓRIA DE MONFORTINHO
HOTEL DE TURISMO DA GUARDA

HOTEL ASTÓRIA DE MONFORTINHO

As Termas de Monfortinho encontram-se a 70 quilómetros de Castelo Branco e a uns 7 metros de Espanha. Deve ser esta a largura do Erges, quando vai cheio, a dividir os dois países, banhando terras espanholas e a província da Beira Baixa. Passa-se perto da Campina da Idanha, agora riscada por muitos canais da Junta Autónoma de Hidráulica Agrícola, que transportam as águas do Pônsul armazenadas na monu-

Aspectos da sala de jantar e de uma das salas de estar do «Astória», de Monfortinho.

mental barragem «Marechal Carmona», oficialmente inaugurada no passado mês de Outubro. Depois de se deixar à ilharga a fronteiriça Salvaterra do Extremo, logo se nos depara à vista o agradável salpicado branco das Termas — casario de pensões, o grande e moderno balneário com o seu Hotel da Fonte Santa, e maior, muito maior, o luxuoso Hotel «Astória», arrojada e feliz iniciativa do senhor Alfredo dos Santos Marques, um dos industriais mais empreendedores da laboriosa Covilhã. Este hotel, de primeira categoria, custou 14 mil contos e pertence a uma Sociedade constituída por vários capitalistas da Beira, desejosos de contribuir para o progresso das termas, cujas virtudes medicinais adquiriram, já de há muito, enorme fama. O «Astória» não foi edificado como exploração comercial, mas sim para servir uma região e facultar o seu maior prestígio.

Foi arquitecto da obra Vasco Lacerda Marques, que dirigiu todos os trabalhos da construção, desenhou as mobílias, os ferros forjados, escolheu os estofos, as roupas, a baixela, e até a farda dos criados, tendo executado o grande painel decorativo do salão, em boa pintura moderna.

O edifício tem seis andares, três elevadores, 104 quartos, um grande salão e cinco salas de estar, uma sala de baile com orquestra privativa, bar, aquecimento central, ar condicionado, instalações frigoríficas modernas, central eléctrica, etc. — tudo montado com muito bom-senso e muito gosto, resultando um conjunto harmónico, aco-

Um ângulo do átrio

Dois quartos de cama, em estilos diferentes, do Hotel «Astória»

lhedor e confortável, em que o luxo dos materiais e das ornamentações não se impõe agressivamente.
Tapeçarias da Serra da Estrela dão um cunho regional ao ambiente, e o arranjo da grande galeria virada ao pátio aberto, com tanque e faianças decorativas, mostra que foram considerados, na devida conta, os elementos paisagístico e climático, a par da repousante comodidade dos hóspedes. É, sem dúvida alguma, um dos melhores e mais belos hotéis da Península, podendo equiparar-se a muitos dos notá-

É de boa tradição portuguesa o emprego do ferro forjado nas decorações. Aqui se observa o bom partido que desse material se tirou nos confortáveis e elegantes interiores do Hotel «Astória».

Uma das fachadas do edifício do «Astória», de Monfortinho.
Arquitectura de Vasco Lacerda Marques.

veis estabelecimentos congéneres das mais famosas estâncias termais europeias. As Beiras fronteiriças podem orgulhar-se de possuir agora um bom equipamento hoteleiro. Depois dos hotéis de turismo de Castelo Branco e da Guarda, da Pousada de São Lourenço, em Manteigas, e dos hotéis de montanha das Penhas da Saúde e em Gouveia, surgiu, como prodigioso fruto de bairrismo, o «Astória», de Monfortinho.

Monsanto, a do Galo de Prata, a «aldeia mais portuguesa de Portugal», tem agora a dois passos o hotel digno da sua vizinhança, como da fronteira de Segura — porta fronteiriça cuja reabertura seria, sem dúvida, vantajosa, económica e turìsticamente. Monfortinho tem muitos clientes em Espanha. Tempos houve, em que as célebres águas das termas eram aproveitadas quase exclusivamente pelos nossos vizinhos. E convém não esquecer que a muitos quilómetros para lá da fronteira já se avista a majestosa fachada do Hotel «Astória».

FOTOS DE MARIO NOVAES

HOTEL DE TURISMO DA GUARDA

ALÉM, são as terras fronteiriças de Riba-Coa e Sabugal, e, mais longe, Espanha!... Sim, toda essa imensidade de planos policrómicos, de caprichosos relevos que se desdobram até à linha do horizonte, são totalmente abarcáveis, em dias límpidos, pela visão deslumbrada de quem recebeu do Destino, como dádiva régia, uma visita à cidade da Guarda. Quem nela vive, quem nela foi nado e criado, mal se apercebe,

Um pormenor do átrio do Hotel de Turismo, onde pode apreciar-se
a solidez e o acerto dos materiais de construção.

Uma das salas de estar do Hotel de Turismo da Guarda.
Belo equilíbrio de linhas. Simplicidade e conforto.

talvez, do raro privilégio que representa o poder desfrutar, sem o maior esforço ou incómodo de deslocação, a inegualável beleza desse panorama intérmino.

Isto, o que está para além da cidade — a de mais elevada altitude de Portugal, como ninguém ignora, e uma das mais altas da Europa. No âmbito que essa rica moldura circunscreve, temos um aglomerado arquitectónico repleto de encantos plásticos, onde a cada passo nos prende e surpreende uma obra de arte imorredoura, um documento histórico preciosíssimo, um pormenor de inolvidável pitoresco. É a maravilhosa Sé-Catedral, que dir-se-ia viver e palpitar, como um complexo orgânico, nas suas vísceras e nervuras góticas; são as ruínas do Castelo, a Torre dos Ferreiros, a Ermida de N. S. do Mileu; é a Igreja da Misericórdia, a Casa do Cabido, e as ruas — quase todas as ruas do velho burgo — e quantos detalhes arquitectónicos de beleza séria, poderosamente evocativos!

Bem merecia, pois, uma cidade assim, que os seus habitantes não se envergonhassem de receber os milhares de turistas que ela, todos os anos, atrai, pela carência deplo-

rável de alojamento condigno. Esta, a razão de ser do Hotel de Turismo, que a Câmara Municipal da Guarda mandou construir, e de que é proprietária.

As fotografias que nestas páginas reproduzimos, dizem já muito, mas não dizem tudo. O edifício, projectado pelo arquitecto Vasco Regaleira, constitui um modelo de construção, pelo equilíbrio da traça, da solidez dos materiais empregados, a justeza de proporções e o acerto dos arranjos interiores, devidos ao bom-gosto e provada experiência de artistas e técnicos da Repartição de Turismo do S. N. I., especializados nesta difícil modalidade das artes decorativas.

O Hotel está apetrechado a rigor, não sendo exagerado afirmar-se que todo o serviço *é impecável. Possui 36 «appartements», com quartos de dormir tão espaçosos que dariam para mais do triplo de instalações. O resto — é equivalente. Nada falta do que apenas se encontra nos melhores hotéis das mais civilizadas cidades.*

FOTOS DE HERMINIOS

Um dos quartos de cama, onde se empregaram alegres tecidos nacionais.

UM BELO DESENHO A CARVÃO DO ESCULTOR ANTÓNIO DUARTE

OS DESENHOS DO ESCULTOR
ANTÓNIO DUARTE

«O desenho e o estilo verdadeiramente belos são os que se não pensa em elogiar, de tal modo se é dominado pelo interesse do que exprimem.»

RODIN

ANTÓNIO Duarte é, para mim, o tipo do artista que pode contribuir para a construção da sociedade futura, pelo equilíbrio que revela entre as faculdades de análise e de síntese, de observação rigorosa e de inspirada poesia, de compromisso entre a realidade formal e a subjectiva.

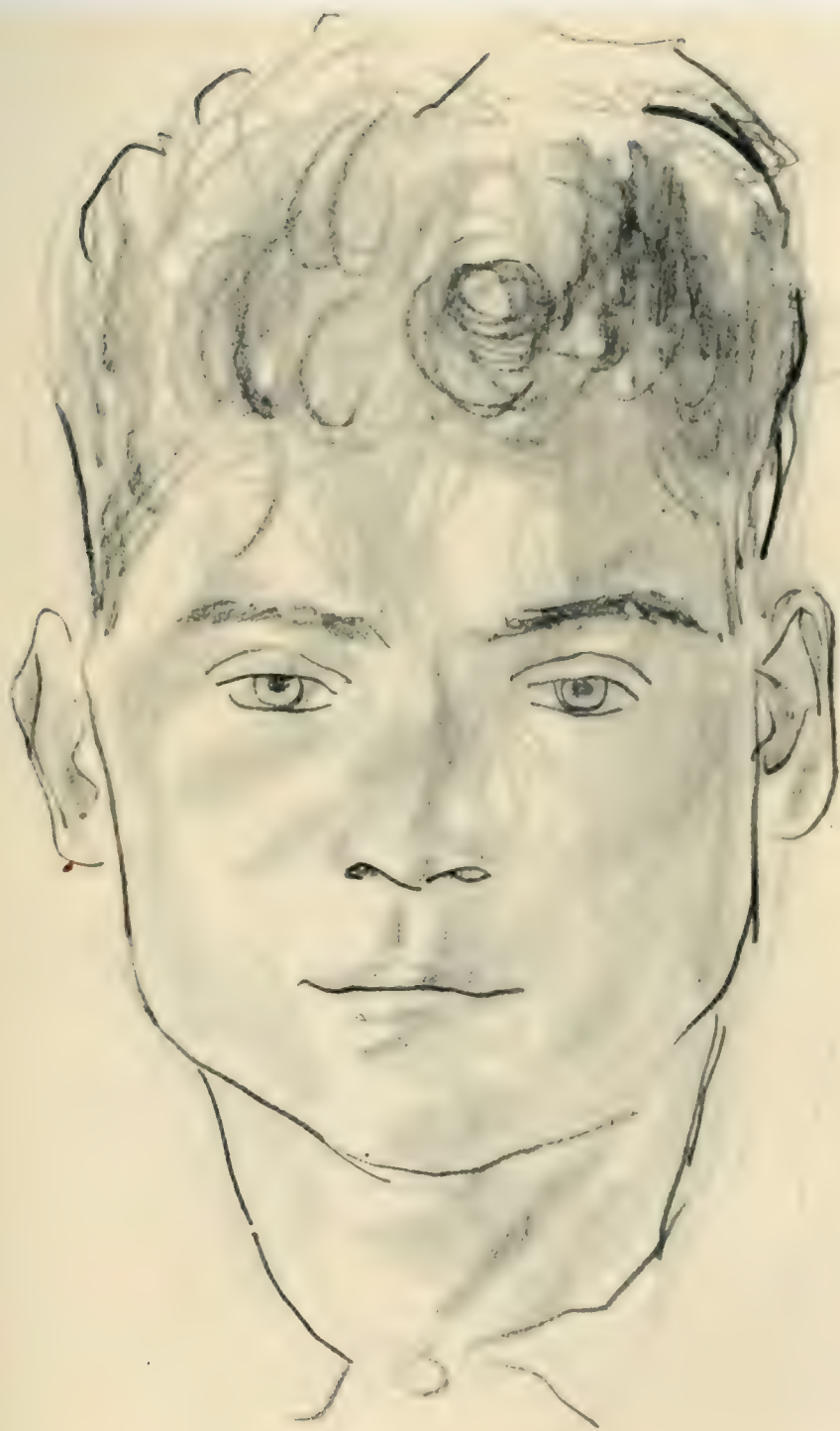
Nele, tanto o conhecimento da Natureza como a prática do ofício, constituem apenas a bagagem para a longa e atribulada viagem que empreendeu, em busca duma superior manifestação da vida.

Não se perde no culto das formas exteriores e dos processos técnicos.

Consciente do que pretende, não segue as recomendações do sobre-humano Leonardo acerca do desenho, saídas do espírito dum artista incomparável, sim, mas dum plástico estruturalmente pintor.

E vinca fortemente o contorno da figura, com uma segurança e convicção que é a síntese espontânea do conhecimento exacto e da intuição altamente inspirada.

LUIS REIS SANTOS

(Continua nas últimas páginas do presente número)

CABEÇA — DESENHO A LÁPIS DE ANTÓNIO DUARTE

OUTRO VIGOROSO DESENHO DE ANTÓNIO DUARTE

TIMOR

PÁGINAS DE UM DIÁRIO POÉTICO

POR RUY CINATTI

JULGUEI que, sendo aquela a mais distante e a menos conhecida das terras do nosso Império, todos os que por lá andaram, e porventura a sentiram e amaram como eu, se não podiam furtar ao dever nacional de contar à Metropole um pouco do que sabem a respeito de Timor.

A paisagem da costa norte, entre Laga e Vila Salazar, lembra, por vezes, no arranjo cénico dos seus elementos, a composição de um quadro de Constable ou de Corot.

VENHO reatar os laços do diálogo com a terra de Timor na hora grave em que o sentimento sobre-eleva das praias submersas os claros fundos escuros. O sol resvala montanhas e vem cintilar no arvoredo orvalhado dos vales. No mar, é como um cavalo a galgar distâncias e a salivar de branco o azul das ondas arqueadas. As arborescências mineralizadas e os coraliários afloram... No âmago das águas movem-se, caprichosos, os peixes azuis e de esmeralda viva. Divino afago o sobressalto que nos percorre o corpo ao mergulhar a face mal acordada no seio líquido esvaecido. Os reflexos lactescentes das madréporas prolongam-se no pensamento em miragens e outras visões de radiosa florescência. E os primeiros signos inteligíveis da conversa interrompida ressurgem desse contacto da alma com as transparências glaucas da baía. Uma palavra mais... Um assobio... A nota ressoante de um búzio... O canto alegre das *Philemon* e dos *Oriolus* no amanhecer deslumbrante. Os montes xistosos da costa desviam a brisa de Nordeste ao tempo em que o beiro dos pescadores de pérolas sai ao mar em direcção ao Ataúro. A ilha de Ataúro nasce fronteira a Dili e sobre o seu dorso escalvado poisam devagar as nuvens do calor e dos aguaceiros da tarde.
Nas praias solitárias da ilha de Timor as frondes e as palmas sacodem já uns vagos restos de neblinas. Vale de Lahane acima vão fugindo esgarçadas pelos fustes mais

«O timor que usa «taiss» ou «lipa», largo pano de algodão às riscas, colorido de azul ou de encarnado, e chegando da cinta aos joelhos, cabaia ou curta jaleca branca de botões apresilhados, lenço atado no alto da cabeça, à moda javanesa..., vai porém para a guerra de «lipa» negra, cabaia encarnada, lenço com penas de galo erectas ao topo e, principalmente quando já «Açuaim», ou guerreiro de fama, de manilhas, colares de «mútissalas», «luas» de prata ou de oiro, e de cinta ou faixa branca...» (Alberto Osório de Castro)

«Troncos colossais, majestosos, encordoados, de quatro a cinco metros de circunferência, raízes poderosas que se torcem sobre o pavimento da rua...» (Armando Pinto Correia)

altos; alcandoram-se, por fim, ameaçadoras, nas ramagens sombrias da verde floresta de eucaliptos. As linhas de cumiada cobrem-se de uma vegetação estranha. As árvores são as mesmas, os eucaliptos de tronco rugoso e escuro, mas em vez de folhas pegam-se aos ramos e raminhos os farrapos de musgo, cor do nevoeiro. Estranha paisagem, repito, como a de um país do Norte, onde a voz se escoa em surdina e o olhar descobre formas deambulantes e translúcidas, por entre a profusão de fetos arborescentes, polipódios, «ninhos de ave» e outras plantas que recordam os primeiros tempos da Terra. Verdadeiramente, uma paisagem de sonho onde a solidão caminha a nosso lado e se insinua connosco nas profundidades inenarráveis do mistério. Quando, porém, o sol devassa aquela penumbra esverdeada e evapora de todo os nevoeiros, é ainda a solidão que nos espera, mas uma solidão alheia aos secretos apelos da vida. A natureza remoça, temporàriamente, mas sem a omnipresença das seivas criadoras. E o mistério perdeu-se.

Era o tempo de abrir a alma aos quatro ventos, subir para as alturas e aspirar o ar fino e frio; de me sentir o senhor da Terra, «Rainai» de Timor, absorto... Das grandes alturas a vista imensa abarca montes e montes, serranias cruzadas, dois a três mil metros rolando, como as vagas de um mar fortemente encapelado. A ilha sente ainda a proximidade do anel de fogo que nas Flores e em Lomblem ascende

A vegetação de Timor, ao contrário do que se imagina, não é composta, exclusivamente, por agrupamentos de natureza tropical, nem oprime o espírito ao ponto de nos considerarmos irremediàvelmente à mercê do poder dos elementos da selva. A oito graus de latitude sul, a ilha oferece-nos o espectáculo incomparável de uma vegetação cintilante e vária que, conforme as regiões, se sintetiza em paisagens dos mais diferentes países do mundo. As florestas do «Eucalyptus obliqua» transportam-nos à Nova Gales do Sul e à Tasmania, já perto do círculo antártico; os parques de «Tamarindus» e de «Ziziphus» a certos espaços do nosso Alentejo; os planaltos de Fuiloro lembram os campos e os bosques do norte da Europa, a verdura luminosa dos condados ingleses; e, na estação seca, as florestas de paus-rosas, dir-se-iam imitar os maciços arboreos do Buçaco ou Gerez. A-par disso, é um prolongamento de Samatra, Java e outras ilhas de vegetação genesiaca, mas harmoniosamente equilibrada. Não admira que o espírito sensível de Alberto Osório de Castro fosse levado a confessar: «A flora de Timor, misteriosa e fremente, em mim, produz, por vezes o mesmo «grand songe terrestre», igual vertigem e ardente ebriedade pânica à que me dão certos poemas...»

«Os palavões brancos (Eucalyptus alba) das encostas xistosas do litoral, diziam-me já a soledade adusta do «Bush» australiano, não distante.» (Alberto Osório de Castro)

em majestosos vulcões; do Tata-Mai-Lau posso abranger em dias claros de Setembro o maior comprimento, e de ambos os lados o mar sem fim, limitado ao Norte pelos maciços das restantes ilhas do grande arquipélago: Alor, Ataúro, Liran, Wetter, Kissar... Mas ensimesmado pelo sortilégio vegetal da minha ilha havia de descer aos vales umbrosos onde me esperam tantas surpresas e deslumbramentos. Para que lado me dirigir? A costa norte é já sobejamente conhecida desde Maubara a Lautem. Com pequenas variantes, acidentes de rocha, sobretudo, a charneca doirada onde os eucaliptos de tronco estrangulado e alvadio, como de róseo marfim, os coqueiros da beira-mar, os «akadiros» e as palapas, — figuras extáticas do classicismo dos trópicos —, se misturam às acácias de para-sol, às casuarinas das margens dos ribeiros e ainda às manchas viridentes, contrastadas, dos bosques marítimos. Viria, passados tempos, a descobrir-lhe as surpreendentes belezas, quando, saciado dos vergéis e selvas misteriosas da costa sul, viesse repousar na sombra acariciante dos parques de tamarindo e jujubeiras? E ao ouvir o cristalino acento de um regato perdido na solidão ardente, saberia então olhar os elementos de que era feita a paisagem despresada? E aprenderia a amar as grandes linhas sóbrias de uma praia solitária, de uma escarpa descida verticalmente no mar, de uma encosta onde a erosão abria profundas feridas, ...as colinas ondulantes e, sobretudo, a pureza luminosa que se filtrava na tarde calma pela folhagem clara da floresta aberta do *Eucaliptus alba?*
O coração segreda-me que sim, mas o olhar, violentado pelo desejo, dirige-se para o

«De qualquer forma por que as populações timoresas se estudem…, o caos surge desnorteante e quase impenetrável, revelando-se a disparidade de raças que na ilha e fora dela se cruzaram para produzir os tipos e os dialectos que naquele país se encontram. Dir-se-ia que da mais ocidental das terras sundanezas até às Filipinas e destas para o sul, e deste até Timor e às Fidji, todos os povos se mestiçaram e emigraram de forma a criar a Babel de elementos somatológicos que é a ilha de Timor.» (Leite de Magalhães)

«Mani-meta» são os edifícios cujo pau de fileira se ornamenta, com pontas de búfalo, conchas marinhas e paus trabalhados em forma de pássaros. Assentam, como as construções sagradas, em oito prumos, os quatro primeiros cravados no terreno e segurando um tabuleiro, espécie de terraço sem paredes, onde se recebem visitas, as mulheres tecem panos e às vezes se cozinha.» (Armando Pinto Correia)

«As raparigas de Oékussi, de uma tez de âmbar-gris claro, feições delicadas, lembram sundanesas ou barmesas de distantes origens indús.» (Alberto Osório de Castro)

Sul e para Leste; para o Loré de florestas imensas, para Maupitine e Tutuala, onde chegam os aromas espirituais das Pequenas Molucas e de Banda — a ilha mágica dos pássaros do sol, da noz moscada e das fortalezas portuguesas.

Vivo as paisagens ao sabor dos afectos da alma. Sinto-as, mais ou menos, como sinto a sede, a fome ou outro qualquer desiquilíbrio fisiológico, com a diferença de que a alma não tem limites nem tempo para se saciar. É como se a elas me prendesse — filhos da mesma mãe — igual cordão de placenta, e o sangue vibrasse unânime às diversas reacções que as perspectivas, formas e coloridos possam despertar. Daí o sentir-me igual, quer me encontre num deserto frente ao magnificente mistério dos astros, quer como elemento contemplativo no organismo vivo da floresta tropical. Poderei ter as minhas preferências, e qual o deus que as não tem?! A paisagem é um estado de alma, ou de consciência, como lhe chamou Amiel; como tal, susceptível e aderente a variações infinitas. Só o corpo se cansa, por vezes. Só os olhos se fecham ou se recusam a ver. Irei longe demais se disser que, para quem assim pensa, melhor direi: para quem assim vive, não há calor, nem frio, nem qualquer outra contrariedade derivada do clima ou dos acidentes geográficos capaz de dominar um desejo nascido da alma?! Não havia aspectos vivos da paisagem que

Testemunhas de antigas lutas, as «tranqueiras» e outros vestígios da arquitectura militar de Filomeno da Câmara, são hoje representações históricas que surpreendem o visitante recem-chegado a alguns dos postos administrativos do interior.

pela sua violência mais nos aproximavam desse convívio leal com a Natureza?! Respondam-me todos!... Como explicar, então, a maior parte das doenças, — não a malária! —, as queixas, o tédio angustiado e a indiferença mortal, senão como sintomas de uma alma enferma, dividida, esquecida do corpo e do ambiente em que o seu destino se desenrola? De um ambiente aliciante, rico de promessas e de factos, belo como a alma do homem!... Timor, segunda pátria minha!...

Estas e outras perguntas faço a mim mesmo. O que poderás tu sentir quando, em Portugal, recordares este momento único? O «jeep» que te transporta, vai, solavancos abaixo, pela vereda mal batida da picada; são também assim as estradas da memória. Será de plenitude a existência interior, e o vento nos olhos?... E estes, dirigidos com simultânea prodigalidade aos recessos escuros da floresta e aos bem definidos socalcos onde o arroz viceja as primeiras verduras?... Lembra-te bem! Prende-me este momento igual a tantos outros, mas escolhido por ti para uma futura presença. Dobra-te, se for preciso, para que ele se aconchegue melhor contra o teu peito. Defende-o da chuva e dos páramos tempestuosos onde as nuvens se quebram. Calor húmido que se evola da terra protegida sob camadas sucessivas de folhagem. Atmosfera duplamente molhada, agora que as cortinas cerradas da chuva desceram ao vale e trespassam a abóbada sussurrante dos altos paus-ferros e dos majestosos *Dysoxylum*. Abro caminho para a floresta, indiferente ao desabar da trovoada; por

A pesca e o tráfego costeiro são feitos pelos indígenas timorenses nas embarcações chamadas «beiros».

instantes, o fragor ruinoso das ribeiras marginais é sufocado pelo estrépido aéreo. Oxalá a terra não desabe e arraste o «jeep» que deixei à beira da estrada...
Os indígenas, em fila indiana, vão-me seguindo, silenciosos. Os golpes violentos que um deles, a meu lado, vai descarregando no emaranhado de silvas, trepadeiras e nodosos troncos de lianas, abrem caminho para a cabana abandonada. Os músculos recebem a chuva e transmitem ao sangue o fervor orgiástico da Natureza; o espírito amolece e reanima ao contacto dos látegos morais e dos elementos adversos; a sensação de vertígem eleva-o a alturas em que a vontade exclui outras actividades de carácter mais contemplativo. Molhados até aos ossos, entramos na floresta, depois de vencidas as barreiras do *pandanus*, aráceas, palmeiras do «rottan» flexível, que se antolham na orla do arvoredo. O caminho é livre, sem obstáculos que nos façam tropeçar, nem espinhos que nos rasguem a pele. O labirinto da vegetação transportou-se para as alturas, para os dois e três andares de folhas e ramadas onde a luz directa se quebra em tons esmaecidos de crepúsculo.

(Continua nas últimas páginas)

RUY CINATTI

FOTOS DE RUY CINATTI

«Debaixo do braço ou posto ao colo, não falta o galo de combate, nem no saquitel a lâmina acerada que, no começo dos torneios, se lhe ata a uma das patas, apetrechando-o para uma peleja renhida, em volta da qual se há de comprimir o povoleu e ferverão as apostas a dinheiro.» (Armando Pinto Correia).

SERRA, CAMPINA E MAR

PARA norte da serra de Sintra, estende-se uma enfiada de quintas colarejas que, a começar nos socalcos da serrania, se alarga pelos campos fecundos que ao longe o mar limita pelo poente.

Do Palácio da Pena já foi dado admirar toda esta vasta planície que, vista dali, se apresenta na totalidade da sua extensão, retalhada pelos diversos tons em que a matizam as terras de cultura, as veigas de Colares, os pinhais, as vinhas, os pomares e arvoredos. Aldeias e casais, são manchas e pontos brancos que sobressaem, por entre os maciços de verdura e espalhados à margem dos caminhos que atravessam a campina. Distante, aflora o conjunto do casario de Almoçageme, de Mucifal e mais localidades, e ao fundo sobre o mar, a Praia das Maçãs e as Azenhas.

Às escarpas românticas de Sintra sucede-se uma região ridente e fértil, de fisionomia

campestre, com as suas características e cativantes encantos, que termina na costa torturada do litoral, alta, de portentosas arribas, rudemente dentada, onde se aninham as praias que desde o Cabo da Roca se encadeiam até à de Santa Maria de Magoito.

Assente nos contrafortes da serra, sobranceira aos campos da várzea, está a vila de Colares, que se ufana tanto dos seus apreciadíssimos frutos e ainda mais dos afamados vinhos de seu nome. Desde longos anos que as vinhas tintas de Colares gozam de merecido apreço — o «Ramisco» das areias, uva que traz consigo, mas só ali, o segredo do paladar que é a glória do seu vinho.

Sem dúvida, é o *tinto* de Colares, gerado nas areias onde a vinha está plantada a coberto dos *azerves* ou paraventos — abrigos feitos de

Aspecto da cultura da vinha, em Colares

Azenhas do Mar

FOTOGRAFIAS DE A. CASTELO BRANCO

«maranhas» de vime ou caniçados — que deve ser tido como o grande monumento da região. A Adega Regional cuidadosamente tem tratado de o restaurar e velado pela sua conservação.

De Sintra alcança-se Colares tomando o curso da Estrada Velha, traçado a meia encosta, que no seu trajecto é o itinerário das mais deliciosas quintas da serra — as quintas do Relógio e da Regaleira, Seteais, Penha Verde e Monserrate, — até que surgem depois as primeiras quintas colarejas — como as da Piedade, da Palma e da Água Férrea.

(Continua nas últimas páginas)

BOLETIM DE TURISMO

EDITADO PELO SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO, CULTURA POPULAR E TURISMO

SINTRA e a Torre de Belem, são as duas nossas maiores singularidades de Turismo. O pedregal verdejante e florido que os antigos consagraram à Lua (Mons Lunæ), coroado de castelos, um forjador de lendas da moirama, outro sugestionador da era romântica, só têm na silhueta inconfundível da Torre de São Vicente de a par Restelo dístico e iconografia que se lhes compare, em prestígio de cartaz. E não se julgue, de leve, que esta noção provém do tãtan duma propaganda de narcisismo nacional, da insistência de qualquer ideia construída por nós próprios. A fama vem de fora e de muito longe. Aquele ignorado Cruzado, que veio com a frota de Dartmouth e esteve na conquista de Lisboa, já trazia no ouvido as maravilhas de Sintra. Lera-as em Plínio e noutros narradores romanos; sabia das nereides que buzinavam melodias marinhas no desaguadouro do Rio das Maçãs e dos tritões que as perseguiam, um dos quais foi mandado de presente ao Imperador Tibério, e fala duma fonte sintrã, de água puríssima, que abrandava a tosse e curava a tísica. Quando se ouvia tossir em Sintra, logo havia a certeza de que o doente era um forasteiro.

O escritor árabe Al Macari, investigando velhos textos, pasma diante daquelas montanhas abruptas cobertas de violetas selvagens, e assombra-se perante a notícia das maçãs, de tamanho prodigioso, que se criavam nas margens do rio que hoje chamamos de Colares.

A bruma que envolvia a região, singularizando-a, já impressionara também, no século XIII, outro árabe letrado (Al Himiari), bruma e paisagem tão silvestre que veio a merecer ao fidalgo D. Pedro de Almeida, esta legenda: — Sintra não tem céu nem terra; o primeiro está sempre coberto de nuvens, a segunda totalmente oculta pela verdura. «Amænissimus locus», lhe chamou Nicolau Lanckmann Falckestein, clérigo Embaixador do Imperador Frederico da Alemanha, quando cá veio buscar a irmã de D. Afonso V, em 1452. «Glorious Eden», denominou-a o famoso Byron. E as legendas abundam para a celebrizar, traçadas através dos séculos pelos viajeiros dos mais desvairados países.

Pode-se afirmar sem risco dum des-

mentido, que todos os que vieram até este cantinho da Europa, desde os primitivos peregrinos que demandavam Santiago de Compostela, até o elegante e culto Beckford, o sábio Link, e o ignorantíssimo Lichnowsky, se deslumbraram com a roqueira e verdejante vila do «Mons Lunæ» da lenda. Nenhum dos aventurosos viajantes que fundeavam no Tejo, nos barcos da carreira de Falmouth, ou que vinham em caleças e atravessavam o Tejo, pela estrada ribeirinha de Aldeia Galega, deixou, ao certo, de cavalgar até Sintra.

Essa, como lhe chamou Garrett,

> ......*amena estância*
> *trono de vicejante Primavera,*

quase traduzindo o latim de Lanckmann Falckestein, tão pródiga de paisagens românticas e de horizontes contemplativos, como pletórica de sugestões evocadoras, depois de ter sido o ponto convergente do «bom-gosto» da cidade, em apetites feriais de digressões, repousos, curas, «escapades» amorosas, piqueniques e burricadas, extinta a tranquilidade da vida que sugeria essas fugas dum bulício que não havia, passou de moda como a linha duma «toilette» que deixou de agradar. Corcovada em penedias brutas, que são «arranha céus» da Natureza caprichosa, oferecendo-se em planaltos, vertentes e veredas, duma pujante beleza de ramarias e folhagens, onde se espreitam idílicas pousadas senhoriais, Sintra, na sua serenidade de elegia e de ditirambo, entrou a esquecer-se.

A vida agitada de agora, em que tudo é apressado e trepidante — o motor transformou-a — não se coaduna com permanências repousadas. Os «desertos de contemplativos» acabaram. A própria distracção, o mesmo sueto citadino, tem de ter efervescências e agitações, e há que agravar a pontinha de febre, se ela não marcou a altura que deve de ter, para nos engrenarmos no ritmo da nova maneira de viver.

O Turismo não é uma receita universal que se aplique, como panaceia, em todos os climas e em todas

as regiões. Cada época e cada terra tem o seu género de Turismo, e ele há que evoluir paralelamente à vida que passa. Condicionar a roqueira e verdejante Sintra a um pousio de gente fugídia ao movimento, é condená-la a uma função laboratorial de cultura de «tristes». Sem ser preciso recorrer ao íman do pano verde, ora cheio ora vazio de fichas e de moedas, há que modificar o seu plano de atracção de forasteiros, encaixilhando, dentro dos deslumbramentos da paisagem, uma réplica do quadro da nossa vida de agora, levando até lá qualquer coisa que atraia para a beleza natural os olhos que foram chamados por um artificialismo de movimento. Sintra tem de se desenroupar dos vestidos bafientos com que o Turismo lhe cobriu a sua esplêndida roupa interior, «toilette» que tão bem lhe ia outrora, mas que, nos tempos que correm, a tornam quase deselegante. Há que lhe arranjar um novo trajo turístico, mais leve, de saias mais curtas ou mais compridas, para se mover melhor: pôr-lhe um pouco de maquilhagem moderna na sua face atractora, cuja serenidade romântica parece ter o condão de afastar os essencialistas e os existencialistas de agora, avatares desvairados do realismo bovarynesco. Enquanto a «amena estância» não rejeitar os seus «sete ais» de menina romântica, e se não desprender da teia dos lirismos contemplativos da tradição que povoam os Pisões e Monserrate, o Turismo não fará dela senão um espectáculo de passagem, entrevisto dos automóveis que correm para o Estoril. E no Paço da Vila, continuará a cantilena decorada dos cicerones, que explicam com parvoíces o tecto da Sala das Pegas, e o tejolo gasto do quarto de D. Afonso VI. Enquanto se não extinguir esta loquacidade mentirosa que refere, em sediços períodos de oratória oficializada, uma história absurda em que o rei de Boa Memória é surpreendido pela rainha a damejar uma moça do Paço, e se continuar a contar o caso do infeliz Afonso VI, a gastar com passadas impacientes o tejolo da sala em que fora preso, temos a impressão de que Sintra continuará a resvalar no declive que a levará ao côrrego onde corre o mitológico Lethes. Essas duas historietas são o índice simbólico dum tradicionalismo perigoso. E chegamos à conclusão de que Sintra, com o ser tão pródiga de bons ares, não dispensa de ser arejada turìsticamente, para continuar a manter o seu grande nome e o seu grande prestígio.

MATOS SEQUEIRA

DESENHOS DE BERNARDO MARQUES

GUIMARÃES

NUMA FELIZ INICIATIVA DOS C. T. T.

Fizemos, há tempos, nesta Revista, uma campanha contra os postais feios, pobremente concebidos e grosseiramente realizados; contra os «postais anti-turísticos» afinal – que outra coisa não são essas fotografias esborratadas, e desenhos e aguarelas de péssimo gosto, estragando assuntos paisagísticos, monumentais e etnográficos, que ainda por aí se vendem, por mal dos nossos pecados e provento dos seus negociantes.

É plenamente justificado, por isso, o regosijo que nos causa a feliz iniciativa da Administração Geral dos C. C. T., posta em execução pelos seus Serviços Artísticos, dirigidos pelo artista Martins Barata, de lançar no mercado novas colecções de postais, em que artìsticamente se interpretam as mais pitorescas terras do País: trechos de paisagem, monumentos, tipos e costumes regionais, etc. Uma das primeiras colecções foi consagrada à cidade de Guimarães – nestas excelentes gravuras em madeira, realizadas pelo jovem e talentoso pintor António-Lino, e que serão, em breve, postas em circulação.

UM ORIGINAL ENQUADRAMENTO DO CASTELO
E O CRUZEIRO DA CRUZ DE PEDRA

A NOBRE FACHADA DA ANTIGA CÂMARA MUNICIPAL, UM DOS BELOS
MONUMENTOS ARQUITECTÓNICOS DA CIDADE DE GUIMARÃES

NA INTERPRETAÇÃO DESTES PRECIOSOS MONUMENTOS DE GUIMARÃES — A CASA DAS RÓTULAS, NA RUA DE VAL-DE-DONAS, E OS PAÇOS DOS DUQUES DE BRAGANÇA, BARCELOS E GUIMARÃES — PÔS À PROVA ANTÓNIO-LINO OS SEUS DONS DE ARTISTA PLÁSTICO INTELIGENTE E SENSÍVEL, A PAR DE RECURSOS INVULGARES NA DIFÍCIL E TÃO INTERESSANTE MODALIDADE QUE É A GRAVURA EM MADEIRA

UM CURIOSO ASPECTO DA RUA DE TRAS DOS OLEIROS, E A INSIGNE
E REAL COLEGIADA DE SANTA MARIA DA OLIVEIRA

A IGREJA DE SÃO MIGUEL DO CASTELO ONDE FOI BAPTIZADO
D. AFONSO HENRIQUES

INICIATIVAS E REALIZAÇÕES

Nova e importante estrada de turismo

Estão já muito adiantados os trabalhos de construção da primeira estrada circular de Cascais, que ligará a rodovia marginal e a Boca do Inferno, pelo norte da vila.

Esta obra, que deverá estar concluída em menos de um ano, custará cerca de 5.700 contos, dos quais 4.200 serão despendidos com a estrada pròpriamente dita, e o restante em expropriações de terrenos e outras propriedades abrangidas pelo traçado, comparticipando aqui a Câmara Municipal com 640 contos, dado o interesse urbanístico da referida artéria.

A sua largura total será de 19 metros, dando-se 9 à faixa de rolagem e os outros 10 a largos passeios laterais sobrelevados.

Como se sabe, no largo em frente à igreja, junto à cidadela, a estrada marginal da vila tem seguimento por duas outras vias: uma passando pelo campo de jogos e vinda directamente do Guincho — a E. N. 247, que serve Porto de Lobos (Peniche), Lourinhã, S. Pedro da Cadeira, Ericeira, Sintra, Colares, Cabo Raso e Cascais — e a segunda, também pela margem, proveniente da Boca do Inferno — a E. N. 247-8. Assim, o trânsito do lado dos Estoris que pretenda dirigir-se para além de Cascais, tem de o fazer actualmente pelas duas citadas estradas, que passam através da parte baixa da vila e nas quais estacionam, normalmente, muitos automóveis, o que decerto aumentará de maneira considerável quando forem construídos os edifícios, já projectados, do Hotel, dos Correios, da Lota, da Alfândega, do Cinema, etc.

Amizade Luso-Belga

Quando da recente visita do Sr. Arthur Haulot, Comissário Geral do Turismo da Bélgica, que veio a Portugal para inaugurar a Exposição Cultural Belga, no estúdio do S. N. I., do Palácio Foz, foi-lhe oferecido um almoço pelo Secretário Nacional da Informação, a que assistiram, entre outras altas individualidades, o Sr. Ministro da Bélgica, Barão Van der Elst, e o Presidente da C. M. L., tenente-coronel Salvação Barreto.

Aos brindes, falou em primeiro lugar o Sr. António Ferro. Depois de prometer «poucas palavras, pois o mundo sofre principalmente de verbalismo, de uma epidemia de palavras inúteis», agradeceu a visita do Sr. Haulot e a bela Exposição de imagens do seu País, que trouxe a Portugal. E afirmou: «Sente-se logo que esta Exposição foi organizada por um verdadeiro poeta, pois o Sr. Haulot é um destes raros homens que sabem juntar a poesia e a acção, certos de que esta não pode sobreviver sem a poesia, tal como a Terra não pode existir sem o Céu».

Disse, a seguir, que os países são, acima de tudo, para os turistas, belas colecções de imagens, e que estes os evocam ou os desejam através de pormenores: uma fachada, uma fonte, uma velha praça... Terminou saudando a Bélgica, nação heróica e progressiva, ligada a Portugal por interesses de ordem espiritual e material, referindo-se à vizinhança das suas colónias em África, e agradecendo ao Ministro e ao Comissário do Turismo a iniciativa desta Exposição, reflexo da alma da Bélgica e da sua eternidade.

O Sr. Arthur Haulot agradeceu todas as palavras e manifestações de amizade que tem encontrado da parte de António Ferro e dos seus colaboradores no S. N. I. e, aludindo às boas relações entre a Bélgica e Portugal, enalteceu os sentimentos que sempre os têm animado e gratamente aludiu às que ainda recentemente demonstraram quanto Portugal tem feito, com isenção e persistência, não só para fortalecer os antigos laços de cooperação entre os dois países, mas para o bem-estar, a paz e a prosperidade de todos os povos do Mundo.

Convém recordar

Para que não se afundem na memória colectiva e possam ter a necessária eficiência, recordamos aqui algumas das determinações insertas no Regulamento Oficial do S. N. I., no capítulo respeitante aos Serviços de Turismo:

Nenhuma publicação de turismo poderá circular sem o visto prévio do Secretariado.

... ...

Os planos de actividade turística elaborados pelas Juntas ou Comissões Municipais de Turismo serão submetidos, acompanhados dos respectivos orçamentos, à aprovação do Secretariado, e sem esta não poderão ser executados.

... ...

Todos os serviços públicos têm o dever de colaborar com o Secretariado na acção que vise ao desenvolvimento do turismo, prestando-lhe o apoio que lhes for possível nas matérias da sua competência.

Esta disposição compreende, nomeadamente, os Serviços de Saúde e de Assistência, a Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, a Junta Autónoma de Estradas, a Administração Geral do Porto de Lisboa, os Serviços de Minas e Geológicos, os Serviços Florestais e outros serviços respeitantes às comunicações, às capitanias dos portos e à Polícia de Segurança Pública.

Rectificações

As festas ou romarias do Senhor do Senhor do Calvário e da Senhora da Graça, a que fizemos referência no n.º 35 de «Panorama», no artigo dedicado à Pousada de S. Lourenço, efectuam-se na vila de Manteigas, e não em Gouveia, como por lapso dissemos.

Pede-nos a pintora Maria Keil para completarmos o que foi dito — também no nosso número anterior — acerca da arquitectura e decorações do restaurante «Alvalade» do Campo Grande, informando os leitores de que tiveram valiosa colaboração nesses trabalhos os artistas Hermenegildo Gandra e Alberto José Pessoa.

«Panorama» regista

★ O grande êxito que obtiveram as Exposições de Arte Metropolitana, organizadas pelo Director do Museu Nacional de Arte Contemporânea e nosso estimado colaborador Sr. Diogo de Macedo, nas cidades de Luanda e Lourenço Marques.

★ O melhoramento da circulação dos comboios da linha de Sintra, levado a efeito pela C. P., abrindo uma segunda via entre Cacém e a referida vila.

★ O entusiasmo com que decorreram este ano, em todo o País, as tradicionais feiras e romarias — nomeadamente a das Mercês e a de Vila Franca, cujos animados e pitorescos festejos taurinos atraem, de ano para ano, maior número de forasteiros.

★ O interesse invulgar que despertou a Exposição do Livro Francês, efectuada na Sociedade Nacional de Belas-Artes e as palavras de simpatia para com o nosso País, proferidas pelo seu organizador, Sr. André Gillon, no jantar que lhe foi oferecido pelo Secretário Nacional da Informação, no Círculo Eça de Queiroz.

★ FÓSFOROS JOANINHA ★ FOSFOROS JOANINHA ★ FÓSFOROS JOANINHA ★
FÓSFOROS JOANINHA ★ FÓSFOROS JOANINHA ★ FÓSFOROS JOANINHA ★ FÓSFOROS JOANINHA ★ FÓSFOROS JOANINHA
JOANINHA
Fósforos
JOANINHA

PREFECT

O carro utilitário perfeito

Duradouro e económico

sem compromisso

Peça uma demonstração

ao

CONCESSIONÁRIO FORD

mais próximo

APOIADO PELO SERVIÇO FORD

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

SERVIÇO DE CARGA E PASSAGEIROS PARA
ÁFRICA, AMÉRICA DO NORTE E BRASIL

LISBOA – RUA DE S. JULIÃO, 63 – TELEF. 3 0131 a 3 0138 ★ PORTO – RUA INFANTE D. HENRIQUE, 9

DESENHOS DO ESCULTOR

ANTÓNIO DUARTE

(Conclusão)

O primeiro impulso, brando, hesitante na aparência, risca um limite, esboça um movimento, e logo o traço firme sugere a expressão integral da forma, englobando coisas dum mundo invisível, que só os grandes artistas sentem, porque — como disse o eminente Focillon — «a posse do mundo exige uma espécie de faro táctil».

E a figura isola-se do meio, com a sua própria expressão plástica, de volumes, de planos, de massas.

Então o desenhador admirável conjuga, na sua obra, esses três elementos que se não combatem e antes se equilibram: o artista, o assunto e o processo técnico.

O desenho é, indubitàvelmente, para o escultor António Duarte, o meio expressivo evocador, do conhecimento e da comoção plástica da forma.

Quanto a mim, o que Sabatier disse, de forma magistral, acerca dos Goncourt, aplica-se perfeitamente a este nosso artista: «Procurar na forma a ideia da vida; por aí se pode afirmar que, neles, a concepção da beleza material se confunde quase sempre com a beleza intelectual e viva».

Da sua maneira de ser, e do seu modo de agir resulta o realismo poético em que a verdade fria e o transporte místico, as coisas naturais e as subjectivas, a disciplina racional do pensador e o apaixonado arrebatamento do artista, se conjugam, dando origem a formas íntegras de valor espiritual e plástico.

O plano que traçou conscientemente afirma, em cada obra, os seus dons naturais de excepção, a sua cultura e a sua vontade. Por todo o desequilíbrio de uma época decadente de imposturas e audácias desvairadas, passa António Duarte com magnífica indiferença.

Os seus desenhos dão-nos a consoladora certeza de que as calamitosas convulsões do mundo não matam, no coração e no espírito dos artistas de eleição, essa flor que está sempre a reflorir: o culto espontâneo e sincero da beleza e o amor da verdade.

LUIS REIS SANTOS

TIMOR

PÁGINAS DE UM DIÁRIO POÉTICO

(Continuação)

O vento, que em campo aberto derruba as árvores e depena as coroas dos coqueiros, passa como uma brisa fina nas ramarias inferiores. A atmosfera cola-se ao corpo e vem afogar os pensamentos mais definidos. Se ao contrário do que sucede, a ilha se afundasse e o mar fosse subindo devagar, não se notaria a diferença na glauca verdura do aquário florestal. Nem os peixes seriam mais belos que os galos selvagens, os garrulosos loricos, as catatuas de imaculada brancura que em bandos ou isoladas, se recolheram ao teto protector.

Lá fora, porém, o vento reforça as hostes hialinas; os contornos esfumam-se sob a chuva ininterrupta; a ribeira transborda em cachoeiras tumultuosas no bambual das margens. Na encosta fronteira, as cascatas despenham-se numa apoteose de espuma. Ao longe, ouve-se o ranger da terra e o ruído rasgado das pernadas que uma árvore desenraizada despedaçou.

São quatro e meia da tarde. A chuva deve durar mais hora e meia. Não há nada a fazer. Sinto-me feliz, contente... Supor que me encontro tão longe de tudo!... Longe das complicações humanas, da vaidade dos cargos, da estupidez consagrada em frases de esteriotipo... Para me sentir feliz, basta-me esta choupana desconjuntada e a companhia silenciosa dos indígenas. Encontro-me em perfeita comunicação com o ambiente, numa exaltação sossegada e plena. Encostado ao batente da porta, vou entretecendo ideias vagabundas, sempre à beira do sonho ou da sensação. A Natureza pensa e o homem segue os instintos de uma reminiscência obscura. Os indígenas conseguiram acender uma fogueira. Não posso dominar a comoção que me obriga a envolver os companheiros num olhar de profunda simpatia. Ei-los, acocorados, silenciosos, prontos a obedecer ao mais pequeno sinal. Não dizem nada, mas pensam decerto no «malaio» que os manda ao alto cimo das árvores para colher folhas e flores. Um deles pôs-se de joelhos e, de olhos dilatados, vai soprando a fogueira hesitante. Outro, dobra nos dedos adestrados a folha de begónia, dá-lhe a forma de um copo e estende o braço para a goteira aberta no telhado de capim. Como lhes estou agradecido!... Inteligentes, profundamente psicólogos, incapazes de esquecer, de uma dedicação sem limites. Pensar que estes desgraçados timorenses sofriam resignadamente a incompreensão de quase todos, tinham passado por uma guerra sem quartel... — E agora?!... Exceptuados os missionários, quem se importa com a alma do indígena?! Onde clamam as vozes de Afonso de Castro, de Celestino da Silva, de Armando Pinto Correia... de tantos outros, nobres e humildes que à terra de Timor deram a inteligência e o coração português? Existia uma certeza: mais cedo ou mais tarde a Verdade havia de vencer nas almas; a pureza, a justiça e outros poderes mais transcendentes ainda, seriam coroados pela realidade magnífica de um Timor novo. E a força dos jóvens não temia os

TIMOR

PÁGINAS DE UM DIÁRIO POÉTICO

(Conclusão)

obstáculos, nem a lógica cerrada dos raciocínios interessados. Quem não sabia defender-se e muito menos atacar, só podia ter uma linha de conduta: seguir em frente, fiel a si póprio e às gerações inúmeras... «talant de bien faire»... «désir»...

A chuva diminui; o céu clareia um pouco. Desanuviam-se os pensamentos e baixa-se à realidade rítmica da vida. Os companheiros estão prontos. Vamos partir dentro de alguns instantes. Fragmentos de poesia afloram no meu espírito: «Ilha perdida de mistérios densa...» Vamos partir. Como sucedeu a Alberto Osório de Castro: «pelas cinco horas da tarde, sob um miúdo aguaceiro que se desfaz no radioso entardecer de nácar — róseo, flavo, verde de água, lilaz».

E a conversa prossegue... o diálogo silencioso, por vezes iluminado, como em noites secas de Setembro, de fantásticas visões: o céu e o horizonte do mar fulgurando por detraz da fímbria em fogo das nuvens, sem que o rolar do trovão seja mais que um surdo murmuro distante. Diálogo traduzido em movimentos incompreensíveis, como os de um enamorado ainda hesitante, suspenso, não fosse com uma certeza mais fácil quebrar o encanto que a presença amada não teme. O descobrimento da árvore revelada nos sonhos, o *Podocarpus imbricata,* nos cimos da Mate-Bian, a montanha da alma dos mortos, depois de dois dias de procura estéril, em que o desejo foi mais forte que a vontade. A esperança segura, inabalável, de lá voltar um dia, para que na sombra esverdeada dos fetos arborescentes e junto da fonte glácida onde as colocásias molham os limbos lustrosos, possa reencontrar-me e jurar os votos de uma vocação definida: a de uma existência serena e silenciosa como a da floresta de paus-rosas, em Citrana, onde caminháramos durante horas seguidas. Onde, também, sem dar por isso, me tinha entregado à mais activa das missões: a de um homem para quem o florir da Natureza simboliza o resultado heróico de uma meditação e o trabalho fecundo ao fluir longo de um período de maravilhoso silêncio.

E posso ainda julgar descer à rua, para colher nos dedos transfigurados o veu de luar azul? Ou sequer as finas hastes de certas orquídeas de cachos estrelados, quando o cavalo teimoso me levava por sob a penumbra cinérea das casuarinas? ... A neve perfumada dos cafésais em flor de Fatú-Bessi, a Sintra de Timor, de ravinas sombreadas pela «madre del cacao»... Quantas e quantas recordações se não levantam! É tocar ao de leve nas águas da memória, para que, sobrepostas e logo separadas em ondulações suavíssimas, ressurjam as imagens e a doce comoção que a saudade imensa reergue das brumas da ilha perdida.

RUY CINATTI

SERRA, CAMPINA E MAR

(Continuação)

Outro caminho, a Estrada Nova, por fora da serra, que a linha dos eléctricos acompanha, percurso que proporciona constantemente, vistos de diversos ângulos, surpreendentes aspectos de conjunto da serra e vila de Sintra, vai, — coleando por Monte Santos, Ribeira e Galamares, — através de campos verdejantes e ensombrados, donde se desprende um ar de frescura rústica. A ribeira bucólica que se chama Galamares, e depois até ao mar toma o nome de Rio das Maçãs, segue deslisando vagarosamente por entre hortas, ladeada de sebes e canaviais.

Em Colares, o bucolismo que vinha tomando o ambiente, atinge o auge na exuberância da vegetação campestre, dos pomares e vinhas. O ar está impregnado dos aromas exalados de toda aquela diferente e pujante vida vegetal. Canaviais e choupos orlam a romântica várzea. As quintas e jardins, por detrás dos velhos muros, deixam adivinhar uma tranquilidade meditativa.

E sai-se de Colares, por Monte Banzão, a caminho da Praia das Maçãs e Azenhas do Mar. Pela estrada ou de carro eléctrico, o caminho segue por entre vinhedos e pinhais, que escondem nas suas sombras uma profusão de simpáticas vivendas que são modelos de casas de verão. A aridez da paisagem que se desdobra sobre a ondulação suave do terreno arenoso e a salinidade do ambiente dão já a proximidade do Oceano.

O mar está em frente, encapelado, sempre batido, de levantadas ondas a cair no areal e sobre as rochas, onde se desfaz numa alva renda de espuma.

A Praia das Maçãs possui tradição como estância de mar. O seu elogio está feito por aquela concorrência de banhistas e fiéis de muitos anos, que a frequentam durante o verão, enchendo de vida buliçosa o vasto areal e os seus animados centros de divertimento. A sua idade conta-se também pelas construções, a par e em contraste com as numerosas vivendas já mais recentes.

A penedia alta corre para norte, e a espaços, aqui e além, está debruçada sobre o mar, erma, uma moradia.

Agora, sobre um pequeno promontório está a povoação das Azenhas, que desce em coleados pitorescos até à beira do mar. Continuando o caminho sobre as arribas chega-se a Magoito, praia larga, muito limpa e de águas calmas, possuindo condições óptimas que impõem o seu desenvolvimento.

Para sul da Praia das Maçãs, para lá das rochas altas das arribas, encontra-se primeiro a Praia Grande na sua extensão de uns três quilómetros, depois a Adraga, anichada entre dois morros, aberta em concha, a que os recortes das escarpadas fragas e os penhascos caídos dão um ambiente revolto e hirsuto, e a seguir, uma nesga de areia entre duas rochas subidas a pique, é a Praia do Pescoço de Cavalo. O Fojo é uma furna em forma de poço, afunilado, onde no fundo barulha medonhamente o torvelinho furioso das águas, num espectáculo raro, e logo vem a Pedra de Alvidrar, rocha vasta que da altura de mais de uma centena de metros baixa quase perpendicularmente, terminando em fraguedos de aspectos fantásticos com o mar galgando e desfazendo-se furiosamente. Depois a Praia da Ursa, num recesso anfractuoso de enormes rochedos, um dos quais, pela sua configuração, deu o nome ao local, até que o penhasco alteroso do Cabo da Roca — ponta extrema onde o dorso da serra acaba mergulhando no Atlântico, num amontoado caótico de blocos rochosos e leixões projectados no mar — fecha este trecho do litoral, que decorre numa visão prodigiosa de praias encastoadas na costa ciclópica, dramàticamente bela, de uma aspereza angustiosa, gritada pelo seu espectáculo contorcido e revolto, num complexo de formas e cores, as mais diversas e estranhas.

SANTOS PIRES

AS DELICIOSAS CONSERVAS DE PEIXE PORTUGUESAS DESPERTAM O APETITE E ALIMENTAM

P.C.P